

Coleção Língua Portuguesa

INTRODUÇÃO À LINGUÍSTICA

Raphael Alves da Silva



ISBN 978-65-5962-060-9



UNIVERSIDADE
FEDERAL
DE PERNAMBUCO



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO (UFPE)
SECRETARIA DE PROGRAMAS DE EDUCAÇÃO ABERTA E DIGITAL (SPREAD)
COORDENAÇÃO GERAL UAB/UFPE

Reitor

Alfredo Macedo Gomes

Vice-Reitor

Moacy Cunha de Araujo Filho

Secretário Geral SPREAD

José Alberto Miranda Poza

Coordenador Geral UAB/UFPE

Francisco Kennedy Silva dos Santos

Coordenador Adjunto UAB/UFPE

André Felipe Vieira da Cunha

Design Instrucional UAB/UFPE | Projeto gráfico | Diagramação

Gabriela Carvalho da Nóbrega

Revisão Textual

Daniel Carvalho Cisneiros Silva

Jade Maria Oliveira da Paz

Professor Conteudista Responsável

Raphael Alves da Silva



Esta licença permite que outros remixem, adaptem e criem a partir desta obra para fins não comerciais, desde que atribuam o devido crédito e licenciem as novas criações sob termos idênticos.

Catálogo na fonte:
Bibliotecária Kalina Ligia França da Silva, CRB4-1408

S586i Silva, Raphael Alves da.
Introdução à linguística [recurso eletrônico] /
Raphael Alves da Silva. – Recife : Ed. UFPE, 2021.
(Coleção Língua Portuguesa).

Inclui referências.
ISBN 978-65-5962-060-9 (online)

1. Linguística. 2. Língua portuguesa – Estudo e ensino. I. Título.
II. Título da coleção..

410 CDD (23.ed.)

UFPE (BC2021-069)

A Educação a Distância (EaD) tem tido cada vez mais relevância no contexto social brasileiro, uma vez que dá acesso ao ensino superior a uma significativa coletividade de estudantes que vivem em locais onde não há campi de universidades públicas. Atenta a essa realidade, a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) investe na EaD, cumprindo, assim, um papel fundamental na formação de centenas de pessoas e, conseqüentemente, contribuindo para a melhoria da qualidade de vida no país. A UFPE trabalha incansavelmente para a permanente melhoria da qualidade do ensino que oferece. Faz parte desse trabalho uma produção de bibliografia especializada a ser gratuitamente distribuída aos estudantes.

Este livro é parte de uma coletânea desenvolvida na Universidade Federal de Pernambuco, com o propósito de oportunizar a você, estudante da graduação em Letras (Licenciatura em Língua Portuguesa a distância), um material didático com qualidade teórica, didaticamente estruturado, com linguagem acessível e capaz de abordar temas de estudo relevantes ao seu desenvolvimento acadêmico e profissional.

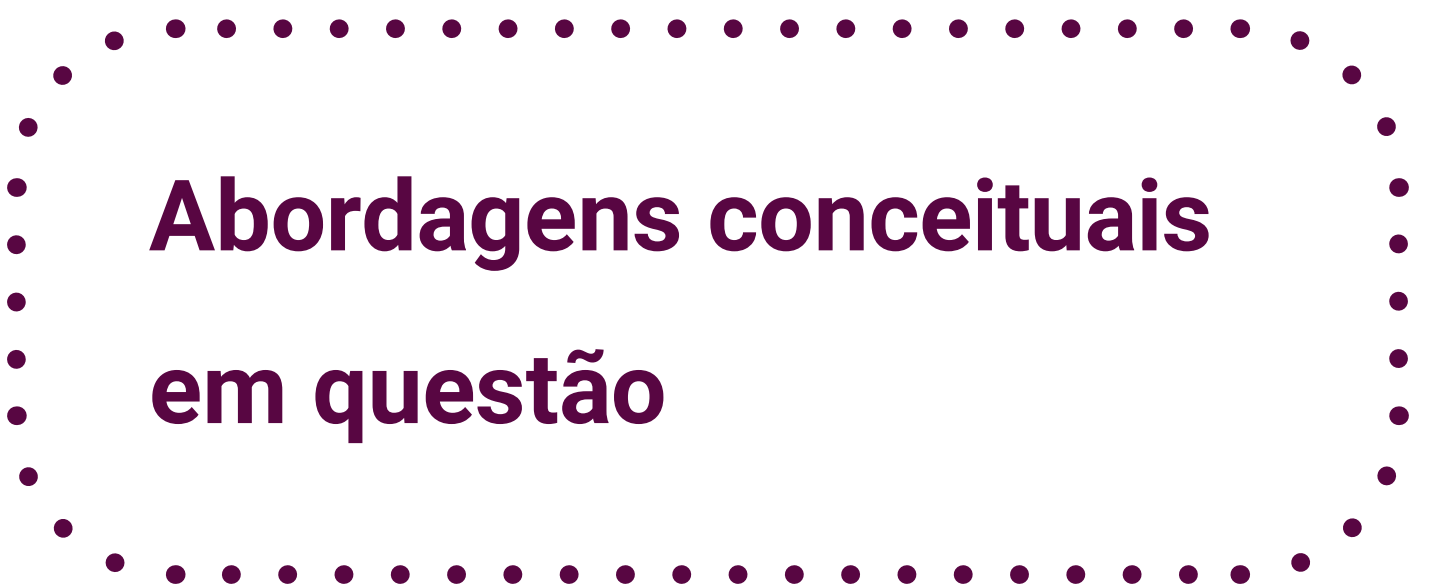
Esperamos que a leitura e o estudo atento desta obra possam contribuir para a ampliação de suas competências em linguagem, fomentando aprendizagens significativas e incitando novas leituras.

Marcela Regina Vasconcelos da Silva Nascimento
Coordenadora do curso de graduação em Letras – Licenciatura em Língua Portuguesa a Distância – Universidade Federal de Pernambuco

Sumário

1	Abordagens conceituais em questão	6
	<i>Objetivos de aprendizagem</i>	7
	<i>Introdução</i>	7
1.1	Perspectiva histórica	8
1.2	Rigor científico	13
1.3	Linguística e outras ciências	16
1.3.1	Contribuições teóricas	17
1.3.2	Uma importante síntese	18
	<i>Revisando</i>	19
	<i>Saiba Mais</i>	21
	<i>Referências</i>	22
2	Educação Ambiental: histórico e estruturação	23
	<i>Objetivos de aprendizagem</i>	24
	<i>Introdução</i>	24
2.1	Linguagens	25
2.1.1	A língua como objeto de estudo	27
2.1.2	O que caracteriza a linguagem verbal?	29
2.2	Funções da linguagem	30
2.2.1	A visão do linguista russo Roman Jakobson	31
2.2.2	A visão do linguista britânico Michael Halliday	35
2.3	Aplicar ao ensino	36
	<i>Revisando</i>	36
	<i>Saiba Mais</i>	37
	<i>Referências</i>	38
3	Escrita, oralidade e gestualidade	40
	<i>Objetivos de aprendizagem</i>	41
	<i>Introdução</i>	41

3.1	Noções preliminares	42
3.2	A relação entre fala e escrita	45
3.3	O letramento	48
3.4	A linguagem gestual e as línguas de sinais	50
	<i>Revisando</i>	51
	<i>Saiba mais</i>	52
	<i>Referências</i>	54
4	A língua enquanto sistema	56
	<i>Objetivos de aprendizagem</i>	57
	<i>Introdução</i>	57
4.1	Noções introdutórias	58
4.2	Um pouco de história	59
4.3	A "norma" para linguística	61
4.4	Gramática, tipos e definições	63
4.4.1	A gramática normativa	64
4.4.2	A gramática interna	64
4.4.3	A gramática descritiva e prescritiva	65
4.4.4	A gramática funcional	66
	<i>Revisando</i>	66
	<i>Saiba mais</i>	67
	<i>Referências</i>	68

A large, rounded rectangular border composed of dark purple dots, enclosing the title text.

Abordagens conceituais em questão

Introdução à Linguística

A horizontal dotted line of white dots on a dark purple background.

Prof. Raphael Alves da Silva

Objetivos de aprendizagem

- 1** Realizar um passeio panorâmico sobre alguns conceitos relacionados à linguística.
- 2** Sistematizar definições introdutórias que diferenciam a linguística de outras teorias e disciplinas, de forma a permitir que o estudante mobilize antigos e novos saberes.

Introdução

Caro estudante, este primeiro capítulo contém alguns apontamentos iniciais sobre a disciplina de Linguística. Podemos dizer, em termos gerais, que essa área geralmente discute questões referentes à linguagem humana.

Apesar de o curso de letras oferecer um bom leque de possibilidades, é importante que o futuro profissional esteja habilitado para lidar com os diversos fenômenos linguísticos que fazem parte do convívio social e midiático. A disciplina é bastante rica e certamente vai te ajudar a repensar algumas questões diretamente relacionadas com o uso e o ensino de línguas, enxergando-as não apenas como uma ferramenta de comunicação, mas também como uma possibilidade de compreender a realidade e atuar no mundo.

Por abordar dimensões complexas, que vão desde as sociedades antigas, passando pelos estudos de importantes teóricos, chegando até a complexidade interativa do presente, a linguística é tida hoje como uma ciência extremamente relevante. Por fim, vale salientar que as discussões e atividades aqui colocadas estão também relacionadas com sua futura atuação em sala de aula, visto que uma parte dos conceitos abordados dialoga, em grande medida, com aquilo que é cobrado nos currículos escolares.

1.1 Perspectiva histórica

Atenção

Ao ler esse material, procure fazer anotações, estabeleça conexões e anote dúvidas. Elas poderão ser tiradas pelo(a)(s) seu(ua)(s) professor(a)(s) ou tutor(a)(es)(as). Não se esqueça também de questionar, criticar e sugerir.

Os manuais costumam iniciar os estudos sobre a linguística propondo uma reflexão importante sobre linguagem e língua. Por muito tempo, optou-se por uma abordagem dicotômica, quase de oposição, entre esses dois conceitos, hoje eles são encarados como complementares, ainda que definam fenômenos específicos. Conveniu-se, em linhas gerais, encarar a linguagem como a capacidade dos seres humanos de utilizar diferentes sinais que objetivam comunicar algo. Isso significa que ela está intrinsecamente relacionada com as práticas sociais, ou seja, são mensagens emitidas com alguma finalidade. Por essa razão, não utilizamos a linguagem humana para estabelecer comunicação com diferentes espécies. A definição de língua, por sua vez, leva em consideração a capacidade da própria linguagem de se materializar na cultura. A língua portuguesa, por exemplo, é um conjunto de signos e normas que permitem a comunicação, seja ela oral ou escrita, na nossa comunidade de falantes. Vale salientar que, a depender da linha teórica e do campo do saber, as definições de linguagem e língua podem variar.

A humanidade, desde os primórdios, sempre buscou construir e fortalecer trocas a partir de instrumentos simbólicos. Foi assim com os desenhos pré-históricos e posteriormente com as primeiras formas de escrita. Por muito tempo, as manifestações da linguagem, apesar de essenciais para promover avanços políticos, sociais e culturais, foram vistas como lendas ou fruto da intervenção divina. As descrições de Panini, que estudou minuciosamente a língua falada pelos povos hindus, são tidas como um marco inicial dessa virada de pensamento, que viria a se consolidar gradativamente. Nascido entre 520 a 460 a.C.,

objetivava, como gramático, preservar o sânscrito, língua ancestral do Nepal e da Índia, hoje considerada morta. Seu estudo compila, com enorme rigor, o pensamento e a tradição de outros 65 gramáticos que o antecederam, mas não deixaram registros escritos.

Figura 1 – *Rūpāvatāra*, de Dharmakirti, manuscrito do século XVII, baseado na gramática de Panini



Fonte: <https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=36055831>

Sobre os primeiros estudos acerca do uso da língua, ainda na Antiguidade, Carboni (2018) comenta:

“Na Antiguidade, geralmente, foram motivações práticas que levaram os seres humanos a refletir sobre a estrutura das línguas e o seu uso. Para a consciência e a análise metalinguísticas, foram fundamentais a invenção e o avanço dos sistemas de escrita no Mundo Antigo. (CARBONI, 2018, p. 11)”

Você sabia?

A leitura do sânscrito clássico exige estudo aprofundado. Isso acontece porque sua gramática e sintaxe são muito arrojadas, fazendo com que os significados originais dificilmente sejam traduzíveis em sua totalidade para outras línguas.

Os gregos, nesse sentido, deram um passo importante. Eles estudaram a relação da linguagem com alguns conceitos filosóficos já estabelecidos. Aristóteles, por exemplo, acreditava que a função da linguagem seria a de traduzir e representar o mundo. Ou seja, o mundo natural precedia a linguagem. A capacidade de descrever e conhecer a realidade perpassaria assim pela capacidade de internalizá-la, pelo estudo da estrutura da língua, pela construção de discurso e, claro, pelas categorias gramaticais.

A verdade é que, por muito tempo, o estudo da linguagem confundia-se com a escrita de gramáticas. Cada povo, em seu determinado período histórico, procurou analisar seu código, sua língua, na tentativa não só de entendê-la, mas de preservá-la. Sobre o processo evolutivo da linguística, naquilo que se convencionou chamar de pré-história da linguística, o filósofo Saussure (2006, p. 7), sobre quem falaremos adiante, explica:

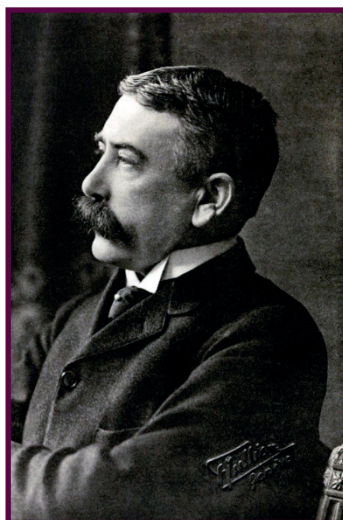
“[O] estudo [em torno da gramática] inaugurado pelos gregos, e continuado principalmente pelos franceses, é baseado na lógica e está desprovido de qualquer visão científica e desinteressada da própria língua; visa unicamente a formular regras para distinguir as formas corretas das incorretas; é uma disciplina normativa, muito afastada da pura observação e cujo ponto de vista é forçosamente estreito.”

Sobre o prisma da historiografia linguística, a publicação do livro *Curso de Linguística Geral* em 1916 é considerada o marco inicial da organização sistemática sobre a linguística e inaugura um olhar de caráter mais científico-metodológico sobre essa área de estudo, que hoje também nomeia a disciplina sobre a qual estamos falando. A obra foi publicada pelos discípulos de Ferdinand de Saussure, professor da Universidade de Genebra, que faleceu três anos antes da publicação oficial.

Saussure nasceu em 26 de novembro de 1857, em Genebra. Filho de um naturalista, rapidamente foi inserido na universidade local. Publicou apenas dois livros em vida, o primeiro deles com 20 anos, chamado *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes* (Memória sobre o sistema

vocálico primitivo em línguas indo-europeias).

Figura 2 – Ferdinand de Saussure



Fonte: 'F. Jullien Genève', talvez Frank-Henri Jullien (1882–1938)¹

Estudiosos como Milani (2000) afirmam que ele era extremamente disciplinado e sempre procurava acompanhar os estudos sobre a evolução das línguas. Saussure viveu em uma época de bastante efervescência intelectual e frequentou importantes espaços de produção científica. A metodologia que utilizou para desenvolver suas pesquisas pode hoje ser classificada como historiográfica, visto que utilizava memórias e relatos para descrever e analisar a língua. Muitos biógrafos, baseados nas obras que foram publicadas em seu nome, dizem que sua produção sofreu influência de dois outros grandes pensadores, Karl Marx e o francês Émile Durkheim.

É preciso dizer que os estudos sobre a linguagem, nessa época, contavam com certo grau de precisão analítica, uma herança da lógica já presente nas ciências naturais. Isso significa que Saussure teve acesso a um bom arcabouço teórico já disponível sobre o assunto. Por outro lado, é inegável que sua capacidade analítica e dedicação ajudaram não só a definir melhor o objeto da linguística, como foram essenciais para a superação do olhar puramente formulaico presente até aquele momento. Saussure também foi capaz de postular métodos rigorosos de análise que até hoje são bastante utilizados, e não só na área de letras.

¹ <https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=89193826>.

Pesquisa

Pesquise sobre Franz Bopp, linguista alemão conhecido como um dos criadores da Gramática Comparada. Ele participou da formação acadêmica de Saussure e é tido como uma de suas maiores influências.

Para facilitar o entendimento sobre os estudos da linguagem no decorrer do tempo, elaboramos um quadro explicativo que diferencia algumas abordagens históricas:

Quadro 1 – O estudo da linguagem através do tempo

Abordagem teológico-cristã	As explicações sobre o surgimento da linguagem primeiro giravam em torno de questões divinas ou fenômenos naturais . Depois, buscou-se detectar os aspectos universais da linguagem. Durou até o século XVIII.
Abordagem histórica	O foco passou a ser a questão evolutiva , ou seja, as mudanças e transformações percebidas. Durou até o século XIX.
Abordagem lógico-formal	No século XX, o caráter estruturalista ganha espaço. As análises eram feitas a partir de unidades.
Pragmática	A partir da década 60, a preocupação passou a ser o uso da língua . Em outras palavras, forma e função passaram a ser vistas como indissociáveis.

Fonte: Elaborado pelo autor

Evidentemente, o falante comum, sem formação técnica, geralmente não é estimulado a ler sobre esse passado histórico do estudo das línguas e, ao distinguir a linguagem humana de outras, costuma compará-la apenas com outros tipos de linguagem, como a corporal, de sinais, da informática ou mídias digitais.

Esse paralelismo, apesar de curioso e necessário para entendermos determinadas práticas e usos, nem sempre é suficiente para formular um conhecimento técnico que possa ser replicado por outros agentes. Por isso, discutiremos, a seguir, um pouco sobre como a Linguística conquistou o status de ciência, além de apresentarmos alguns nomes que contribuíram para que ela se tornasse uma das mais importantes áreas do conhecimento.

1.2 Rigor científico

Os estudos de Saussure foram organizados a partir dos três cursos que ele ministrou na Universidade de Genebra entre 1907 e 1911. Seus discípulos Charles Bally (1865–1947) e Albert Sechehaye (1870–1946) foram os responsáveis pela compilação do seu pensamento e utilizaram para isso anotações próprias e alguns escritos pessoais de Saussure. Todo esse trabalho foi condensado no clássico livro *Curso de Linguística Geral*, uma obra que, como dito, contribuiu enormemente para o que iria ser desenvolvido, dentro do campo teórico, nos séculos seguintes.

O livro propõe afirmativas conceituais importantes. Por exemplo, ele caracteriza a linguagem e a coloca em oposição à língua. Além disso, define língua como objeto da linguística e a coloca em oposição à fala, à escrita e a outras linguagens. A demarcação desses limites permitiu que toda uma cadeia de estudos fosse desenvolvida, ou seja, a partir deles foi possível compreender de forma mais sistemática e organizada como as línguas estão associadas, distribuídas, e de que maneiras os seus usos permitem ou não uma comunicação efetiva.

No capítulo dedicado a definir o objeto da linguística, por exemplo, Saussure defende que a língua “é um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos” (SAUSSURE, 2006, p. 17). A linguagem, por outro lado, é multiforme e pouco condicionada a regras, ou seja, “não se deixa classificar em nenhuma categoria de fatos humanos, pois não se sabe como inferir sua unidade” (SAUSSURE, 2006, p. 17). A fala, outro elemento importante para a teoria saussuriana, é tida como o resultado das muitas combinações feitas

pelo falante ao utilizar determinado código, uma associação complexa e articulada entre os atos de fonação necessários para que algo possa ser concretizado externamente. É preciso pontuar que o pensamento de Saussure, tido como basilar para os estudos linguísticos, foi revisitado, ampliado e criticado com o passar do tempo.

Ainda sobre o papel da linguística e seu caráter científico, Cunha, Costa e Martelotta (2013) defende que cabe a ela executar duas tarefas:

- a) Estudar as línguas particulares como um fim em si mesmo, com o objetivo de produzir descrições de cada uma delas;
- b) Estudar a língua como um caminho para obter informações sobre a linguagem.

Por isso, hoje se entende que, embora os linguistas observem e analisem a estrutura das línguas, eles também elaboram análises sobre o que é a facultativo da linguagem, ou seja, processos orais, escritos, imagéticos ou gestuais que fazem parte da comunicação entre humanos.

Como acontece com outras ciências, a linguística apresenta perspectivas teóricas diversas, escolas que compreendem o fenômeno da linguagem a partir de diferentes prismas, como o fonológico (relacionado com os sons da fala), o neurológico, o cognitivo, o comunicativo e o sociocultural. Essas abordagens serão discutidas e aprofundadas no decorrer do curso.

Assista

Se desejar ampliar um pouco a discussão sobre Saussure, indicamos a breve explanação da professora Maria Cleci Venturini (Unicentro): www.youtube.com/watch?v=s8TMcCHH-qE.

Por fim, ainda na discussão sobre legitimação e estudo científico, vale salientar que a linguística costuma adotar rígidos métodos de observação, utilizando dados que possam ser analisados e verificados. Apesar desse caráter mais descritivo, ela tem, cada vez mais, voltado o seu olhar para questões de ordem social e cultural, de forma a atuar como fomentadora de discussões que visam

contemplar as variações da língua.

Você sabia?

A teoria de análise linguística herdeira do pensamento de Saussure foi denominada *estruturalismo*.

1.3 Linguística e outras ciências

Apesar de ter reivindicado e conquistado o seu lugar como ciência, especialmente após a publicação dos trabalhos de Saussure, a linguística não deixou de dialogar com outras áreas do saber. Durante as últimas décadas, ela vem estabelecendo relações de mútua contribuição com outras ciências, sempre prezando pelos seus limites metodológicos e por aquilo que está circunscrito ao seu objeto. Muitos autores costumam definir esse contato como uma espécie de interseção, de interface, por meio da qual é possível perceber proximidades e semelhanças.

Pensando em sistematizar de forma mais didática esse campo fronteiro entre a linguística e outras ciências, foi construído o quadro abaixo, a partir dos estudos de Cunha, Costa e Martelotta (2013):

Quadro 2 – Interfaces

Linguística e filologia	A filologia tradicionalmente se ocupa do estudo das civilizações passadas através da análise de textos escritos. Por isso, muitos estudiosos identificam a filologia como a linguística histórica. Esse campo de estudo tem sido chamado de filologia românica e está sempre presente no currículo de letras.
Linguística e semiologia/semiótica	Enquanto a linguística foca no estudo da linguagem verbal, a semiologia tem interesse por todas as outras formas de linguagem, com destaque para a imagética.

Linguística e gramática tradicional

A gramática, criada e desenvolvida pelos filósofos gregos, tem raízes filosóficas. Enquanto ela se preocupa com as regras de uso dos sistemas, a linguística, ainda que esteja preocupada com estrutura e funcionamento, não se filia à prescrição de modelos.

Fonte: elaborado pelo autor

Atenção

Muitos autores defendem que, enquanto a gramática tradicional assume a escrita como elemento primário, a linguística considera a fala. Para os linguistas, escrita e fala são sistemas distintos, já que traduzem diferentes modelos de funcionamento.

É importante dizer que, diante da forma como o conhecimento tem sido gerenciado hoje, levando em consideração o intenso desenvolvimento tecnológico, o campo da linguística tem sido marcado por constantes discussões e problematizações em torno do seu objeto de estudo.

1.3.1 Contribuições teóricas

Pensando em ampliar esse resgate histórico, apresentaremos a seguir algumas definições e conceitos elaborados por outros linguistas sobre as quais é possível vislumbrar melhor como essas interfaces foram e estão sendo construídas.

Mikhail Bakhtin (1895–1975)

Bakhtin, um dos maiores nomes da linguística, foi um filósofo russo que realizou encontros com outros estudiosos para discutir linguagem, literatura e outras manifestações artísticas. Junto ao que ficou conhecido como Círculo de Bakhtin, defendeu que a língua vive e evolui não dentro de um sistema abstrato de formas,

nem apenas no psíquico humano, mas sim na interação enquanto fenômeno social, ou seja, o que a constitui, de fato, é a sua natureza socioideológica. Essas relações dialógicas são materializadas no discurso, nos enunciados proferidos pelos falantes em situações comunicativas concretas. Logo, os estudos sobre os meios de comunicação de massa, internet e mídias são possíveis hoje graças à importância que ele deu ao sujeito dentro das culturas, interações e contextos sócio-históricos.

Noam Chomsky (1928–hoje)

Chomsky foi um dos maiores responsáveis por colocar a faculdade mental como objeto central de estudo na Linguística.

Figura 3 – Noam Chomsky



Fonte: Jeanbaptisteparis

Sua abordagem foca nos aspectos naturalistas e internalistas, a partir da ideia de que existe uma linguagem inata do pensamento, a qual é responsável por gerar significados. A língua, neste caso, é vista como fenômeno biológico, que chegou até nós através da evolução da espécie. Defensor da chamada “Gramática Gerativa”, definida por ele como um “sistema de princípios, condições e regras que são elementos ou propriedades de todas as línguas humanas, não por mero acaso, mas por necessidade [...] biológica, não lógica” (CHOMSKY, 1975, p. 28), conseguiu ampliar toda uma rede de estudos que se voltam para o construto mental da língua, como a cognição.

Carlos Franchi (1932–2001)

O professor Franchi foi um dos fundadores do Departamento de Linguística da Unicamp. Nos seus estudos defendia o reconhecimento da linguagem como uma atividade constitutiva, ou seja, ela deve ser encarada como uma atividade criativa e subversiva, não como um produto. Sendo assim, é possível dizer que ela faz parte da nossa natureza enquanto seres sociais, já que modela o nosso pensamento, a comunicação, e é o meio pelo qual promovemos diversos tipos de interação. Franchi reconhece que a linguagem é uma poderosa ferramenta de comunicação, uma forma de influenciar o outro. Em outras palavras, ela atua como um sistema amplo e aberto, capaz de construir a história e de atender ao seu conjunto de necessidades. “Nesse sentido a linguagem não é somente um processo de representação, de que se podem servir os discursos demonstrativos e conceituais, mas ainda uma prática imaginativa que não se dá em um universo fechado e estrito, mas permite passar, no pensamento e no tempo, a diferentes universos mais amplos, atuais, possíveis, imaginários” (FRANCHI, 1977, p. 32).

1.3.2 Uma importante síntese

A partir das teorias supracitadas, percebemos que os estudos linguísticos estão em constante processo de contestação, ampliação e discussão. A linguística é, antes de tudo, uma ciência que apresenta ramificações, e muitas delas refletem diferentes posições teóricas frente aos fenômenos comunicacionais, sejam eles orais, escritos ou falados. Esses posicionamentos, consequentemente, partem das diferentes percepções sobre o que é língua e o que é linguagem. Por isso, na tentativa de ajudá-lo a compreender melhor como esse complexo sistema procura se organizar, resumimos abaixo alguns desses diferentes olhares.

Sobre a língua:

- a) Sistema que representa a realidade;
- b) Forma de comunicação social;
- c) Instrumento.

Sobre a linguagem:

- a) Representação do pensamento;
- b) Representação do conhecimento adquirido;
- c) Ação interativa;
- d) Sistema adquirido no contato com a cultura;
- e) Propriedade interna, biológica e essencial ao indivíduo;
- f) Atividade constitutiva, incontornável e imprescindível.

As concepções acima, quando aprofundadas, costumam orientar o olhar dos estudantes e pesquisadores da área de letras, já que estão presentes no arcabouço teórico desenvolvido por diferentes autores, em diferentes épocas. Por enquanto, é suficiente que fique claro a seguinte linha de raciocínio: todo ser humano nasce dotado de uma capacidade geral chamada linguagem, ou faculdade da linguagem, e essa capacidade se atualiza, se concretiza em uma língua específica, um conjunto de signos e normas que permitem a comunicação em uma comunidade particular. No próximo capítulo, discutiremos as diferentes funções assumidas pela linguagem, de forma a ampliar o nosso conhecimento sobre o tema. Bons estudos!

Revisando

Inicialmente, foi proposta uma definição geral de linguagem e língua, sendo a primeira vista como a capacidade dos seres humanos de utilizar diferentes sinais que objetivam comunicar algo e a segunda, como a capacidade da própria linguagem de se materializar na cultura. Pontuamos como os estudos de Panini foram importantes para a gênese do pensamento que fortaleceria a linguística como área do conhecimento. Falamos também sobre a publicação do livro *Curso de Linguística Geral* e como ele inaugura um olhar de caráter mais científico-metodológico sobre a linguística e, por fim, apresentamos um quadro com algumas abordagens históricas que tinham como foco diferentes percepções sobre o papel da linguagem.

Em seguida, falamos sobre a importância do livro *Curso de Linguística Geral* para a legitimação da linguística enquanto ciência e introduzimos também alguns aspectos biográficos de Saussure, assim como as suas definições para os conceitos de linguagem e de língua.

Dando continuidade, discutimos pontualmente a relação fronteiriça entre a linguística e outras áreas do conhecimento, como a gramática tradicional, a filologia e a semiótica, que, por respeito aos seus diferentes focos de análise, são hoje consideradas áreas importantes do curso de linguística. Para reforçar a importância desse campo de estudo, apresentamos um breve resumo sobre três importantes linguistas que, com base em suas pesquisas, enxergam linguagem/língua a partir de diferentes prismas. Ao final, sistematizamos algumas das percepções sobre língua e linguagem presentes no extenso arcabouço teórico com o qual teremos contato daqui para frente.

Saiba mais

Artigo **Mihail Bakhtin, o filósofo do diálogo**, de Tatiana Pinheiro.

A revista Nova Escola publicou um pequeno texto sobre as contribuições de Bakhtin. Texto disponível em <https://novaescola.org.br/conteudo/1621/mikhail-bakhtin-o-filosofo-do-dialogo>.



Vídeo **Noam Chomsky – O conceito de linguagem**, da UWTV.

Para melhor conhecer o pensamento de Chomsky, você pode assisti-lo falar sobre o conceito de linguagem em um programa produzido pela rede de televisão da Universidade de Washington (UWTV). Vídeo disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=W53UvJoLAWI>.

Filme **A Chegada**. Direção: Denis Villeneuve.

Lançado em 2016, o filme de ficção científica *A Chegada*, dirigido por Denis Villeneuve, discutiu, de maneira criativa, o papel da linguagem na construção da realidade. Vale a pena conferir.



Referências

A CHEGADA. Direção: Denis Villeneuve. EUA: Lava Bear Films: FilmNation Entertainment: 21 Laps Entertainment: Xenolinguistics, 2016.

CARBONI, Florence. **Introdução à linguística**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

CHOMSKY, Noam. **Aspectos da teoria da sintaxe**. Coimbra: Armênia Amado, 1975.

FRANCHI, Carlos. Linguagem – Atividade constitutiva. **Almanaque**: cadernos de literatura e ensaio, São Paulo, n. 5, p. 9-26, 1977.

CUNHA, Angélica Furtado da; COSTA, Marcos Antonio; MARTELOTTA, Mário Eduardo. Linguística. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2013.

MILANI, Sebastião Elias. **Humboldt, Whitney e Saussure: romantismo e cientificismo-Simbolismo na história da Linguística**. 2000. 168 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/156/o/2000_sebasti__o_2011.pdf. Acesso em: 29 out. 2020.

NOAM Chomsky – **O conceito de linguagem**. 18 set. 2016. Publicado no canal Think About It Now! Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=W53UvJoLAWl>. Acesso em: 27 nov. 2020.

PINHEIRO, Tatiana. Mikhail Bakhtin, o filósofo do diálogo. **Revista Nova Escola**, n. 224, 1 ago. 2009. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/1621/mikhail-bakhtin-o-filosofo-do-dialogo>. Acesso em: 13 nov. 2020.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.

2

Delimitações teóricas e funções da linguagem

Introdução à Linguística

Prof. Raphael Alves da Silva

Objetivos de aprendizagem

- 1** Apresentar com mais profundidade algumas questões conceituais relacionadas com a materialização e uso da linguagem.
- 2** •Propor uma breve discussão sobre as funções da linguagem.

Introdução

Caro estudante, a linguagem quase sempre é associada ao uso de determinados símbolos ou sinais que permitem comunicação. A língua, por sua vez, está diretamente relacionada com as diferentes formas de realização da linguagem. Diante desses fatos, é essencial que o estudante de letras consiga enfrentar com maior segurança questionamentos muito comuns no seu campo de atuação, como por exemplo: qual é a função (ou funções) da linguagem? Teria ela, de fato, uma função?

De forma geral, muitas pessoas acreditam que a linguagem tem como principal função a transmissão de informações, afinal, é evidente que ela permite trocas comunicacionais significativas entre diferentes atores sociais. Porém, é possível perceber que a linguagem, em determinadas situações, não atua como um canal transmissor de informação, pois ela também está presente em atos individuais nos quais não existe uma informação, de fato, a ser compartilhada.

Por questões didáticas, iniciaremos o capítulo discutindo brevemente a aplicação de alguns conceitos, assim como as relações dialógicas ou dicotômicas estabelecidas entre eles. Em seguida, iniciaremos um estudo mais focado nas funções da linguagem. Bons estudos!

2.1 Linguagens

Ao ler esse material, procure fazer anotações, estabeleça conexões e anote dúvidas. Elas poderão ser tiradas pelo(a)(s) seu(ua)(s) professor(a)(s) ou tutor(a)(es)(as). Não se esqueça também de questionar, criticar e sugerir.

Os questionamentos em torno das funções da linguagem estão presentes nas investigações dos mais diversos domínios do saber. Essa é uma discussão que envolve não só linguistas, mas também sociólogos, psicólogos, filósofos e etnólogos. Sendo assim, faz-se necessário, antes de formular respostas, refletir sobre quais são as diretrizes doutrinárias que vão balizar os nossos estudos. Diante da impossibilidade de estudarmos todas as dimensões da comunicação, que envolvem trocas simbólicas materializadas de inúmeras formas, focaremos na linguagem verbal humana, de forma a torná-la nosso principal, mas não único, objeto de investigação. Como foi dito no capítulo anterior, a linguística se ocupou da modalidade escrita das línguas por muitos anos. Mas diante da contribuição de teóricos importantes, como Bakhtin (1895-1975), ela passou a se preocupar com qualquer modalidade de manifestação, de forma a analisar a fatia mais visível e concreta da linguagem: a língua.

No capítulo anterior, quando definimos linguagem, foi dito que ela está geralmente associada à nossa capacidade de utilizar determinados tipos de sinais para estabelecer comunicação. Nesse sentido, é possível afirmar que qualquer ser humano é dotado de linguagem, já que somos, em maioria, capazes de utilizar línguas tidas como naturais, como o português, o espanhol e o francês, para concretizar atos comunicativos. Porém, o termo “linguagem”, como sabemos, também é comumente utilizado em outros campos. Por exemplo:

- a) **A linguagem corporal** envolve os gestos, as expressões faciais e as posições do corpo que sinalizam alguma intencionalidade ou significado muitas vezes não pretendidos ou percebidos pelos usuários comuns da língua;
- b) **A linguagem da computação** está diretamente relacionada com a realização

de tarefas codificadas no campo da informática;

c) A linguagem da propaganda faz uso de estratégias verbais e não verbais, como as imagens, para convencer possíveis consumidores.

A linguística hoje está preocupada não apenas com as linguagens tidas como naturais, mas também com essa diversidade de manifestações, sobretudo porque vivemos em uma sociedade na qual todas essas modalidades não aparecem isoladas. Pelo contrário, elas costumam estar engendradas, de forma a permitir práticas comunicacionais e interacionais complexas que exigem, quase sempre, diálogo com outras ciências.

Autores como Mattoso Câmara (1977), por exemplo, consideravam a linguagem como uma faculdade humana que objetivaria, através das línguas orais e escritas, externalizar um mundo subjetivo interior. Ou seja, essa perspectiva enxerga a língua como um sistema de representação que interliga os estados interiores da mente com aquilo que está posto no mundo exterior. Essa visão estruturalista, que foca na língua verbal oralizada, atualmente é vista como incompleta, porque desconsidera manifestações como a língua de sinais (não oralizada), a história dos falantes, a cultura na qual eles estão inseridos e as ações intersubjetivas que os constituem.

Apesar disso, é importante que o estudante de letras compreenda certos limites, com o objetivo de estabelecer recortes analíticos plausíveis e bem situados. Primeiro, é preciso entender que a língua, dentro dos estudos linguísticos, é vista como um sistema onde elementos estruturais estão combinados a partir de regras verificáveis, ou seja, é um produto social da linguagem constituinte do corpo social. Segundo, é preciso entender que, quando falamos hoje em **linguagem não verbal**, estamos nos referindo a um conjunto de práticas linguístico-comunicativas presentes nas imagens, no cinema, na pintura, nas séries...

Também fazem parte desse bloco:

a) as imagens presentes no nosso dia a dia, como as placas de trânsito, de sinalização;

b) os gêneros compartilhados nas redes sociais digitais, como os memes e

gifs.

c) **os códigos sonoros**, como o alerta da ambulância e da polícia;

d) **os gestos**, que apesar de comumente percebidos como um tipo de expressão limitada, auxiliam na identificação e localização de objetos.

Você Sabia

Na maioria dos países, formar um zero utilizando o dedo indicador e o polegar é visto como um sinal de que algo ocorreu bem, como um “ok”. No Brasil, ao contrário, esse gesto também faz referência a uma expressão de baixo calão, muito próximo ao dedo médio levantado. Na França, por sua vez, o gesto significa que a pessoa é um “zero à esquerda”.

2.1.1 A língua como objeto de estudo

De início, é preciso pontuar que o que torna a língua um objeto tão importante para os estudos linguísticos não é apenas o seu caráter comunicativo, visto que este também é encontrado em outros tipos de linguagem, muitas delas até mesmo utilizadas por outros tipos de animais. Também não é a arbitrariedade dos signos linguísticos, afinal, em outros tipos de linguagem existem manifestações arbitrárias como, por exemplo, as cores atribuídas especificamente aos sinais de trânsito. Além disso, vale salientar que outras formas de comunicação também utilizam uma espécie de sistema para representar simbolicamente os seus componentes estruturantes, como os mapas ou desenhos arquitetônicos.

Diante disso, o que, de fato, diferencia a língua de outros sistemas de comunicação?

Muitos teóricos defendem que aquilo que a diferencia dos outros sistemas é o fato de ela ser formada por unidades mínimas, que formam pares de oposição e possuem a propriedade de combinar-se, além do fato de que os signos linguísticos a ela pertencentes são passíveis de desconstrução e reconstrução, ganhando assim novos significados.

O signo linguístico, por sua vez, na perspectiva saussuriana, é tido como

aquele que

“une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica. Esta não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão psíquica desse som, a representação que dele nos dá o testemunho de nossos sentidos; tal imagem é sensorial e, se chegamos a chamá-la “material” é somente neste sentido, e por oposição ao outro termo da associação, o conceito, geralmente mais abstrato.” (SAUSSURE, 2006, p. 80)

Já para Bakhtin, o signo assume um caráter ideológico, visto que possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo, seja um objeto ou um evento. Ou seja, ele reflete uma realidade para além de nós, diz respeito a um fenômeno natural ou da consciência social.

“Cada signo ideológico é não apenas um reflexo, uma sombra da realidade, mas também um fragmento material dessa realidade. Todo fenômeno que funciona como signo ideológico tem uma encarnação material [...]. Um signo é um fenômeno do mundo exterior. O próprio signo e todos os seus efeitos (todas as ações, reações e novos signos que ele gera no meio social circundante) aparecem na experiência exterior.” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009, p. 33)

A passagem do signo linguístico de Saussure para o signo ideológico de Bakhtin coloca em evidência o fato de que, ao considerarmos o último, somos capazes de concluir que ele está presente em todas as esferas do campo ideológico, podendo assim ocupar função estética, artística, religiosa ou científica. Isso significa que o valor atribuído a ele dependerá essencialmente de condições sócio-históricas.

Podemos resumir da seguinte forma:

- Os signos linguísticos se organizam sistematicamente de forma a possuir um valor próprio; eles são autorreferenciais, de acordo com Bouquet (1997).
- Os signos ideológicos, por sua vez, remetem a algo externo, ou seja, sofrem alterações a depender do contexto social, cultural ou econômico.

2.1.2 O que caracteriza a linguagem verbal?

Os estudos realizados pelo linguista americano Charles Hockett geralmente são utilizados quando buscamos apontar aquilo que de fato é característico da linguagem verbal. Na sua pesquisa, ele apresentou um conjunto de características presentes em mais de seis mil línguas humanas. Para ele, o humano é o único animal que estabelece comunicação a partir de símbolos abstratos, ainda que, dentro de um processo evolutivo, muito dessa capacidade tenha derivado de sistemas mais primitivos presentes em outras espécies.

Hockett (1958) estabeleceu as treze principais propriedades da linguagem verbal. São elas:

Quadro 1 – As treze principais propriedades da linguagem verbal para Charles Hockett

Arbitrariedade	Os sons das palavras não se parecem com os objetos que eles representam.
Permutabilidade	Capacidade de receber e também de transmitir mensagens..
Uso do canal auditivo e vocal	No século XX, o caráter estruturalista ganha espaço. As análises eram feitas a partir de unidades.
Produtividade	A partir da década 60, a preocupação passou a ser o uso da língua . Em outras palavras, forma e função passaram a ser vistas como indissociáveis.
Especialização	Apesar de importantes, os gestos físicos não são essenciais para o entendimento de mensagens complexas. Mas os sinais que utilizamos linguisticamente são especializados para a produção da fala.
Deslocamento	Capacidade de se referir ao passado e a coisas não situadas no presente.
Aspecto cultural	Capacidade de ensinar e aprender com outras pessoas.
Transmissão aberta e recepção direcional	O sinal linguístico pode ser ouvido por qualquer pessoa que esteja dentro do raio de alcance das ondas sonoras. A pessoa que emitiu o sinal, por sua vez, pode ser identificada a partir do foco direcional.

Transitoriedade	As mensagens emitidas possuem curta durabilidade no espaço-tempo, ao contrário das imagens gráficas.
Monitoração	Capacidade de falar e ouvir ao mesmo tempo.
Semanticidade	Os sinais linguísticos são utilizados para materializar, no sentido denotativo, algum tipo de realidade ou estado.
Sinais discretos	As mensagens que emitimos são compostas por unidades menores e repetíveis. A nossa percepção sobre eles é categórica. Não existe, por exemplo, um “p” que seja mais ou menos “p”.

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de Hockett (1958).

É preciso pontuar que os estudos de Hockett (1958), ainda que basilares, carecem de atualização, visto que nas últimas décadas a linguagem humana, especialmente devido ao surgimento de tecnologias de mídias acessíveis, tem apresentado características funcionais bastante arrojadas, pois os fluxos e plataformas de emissão mudam constantemente, alterando de forma significativa a durabilidade e as construções semânticas.

2.2 Funções da linguagem

Como pontuado na introdução, ainda é muito presente a ideia de que a linguagem atua apenas como um canal que permite a comunicação. Essa noção foi bastante difundida por linguistas no passado, ainda mais quando, no início do século XIX, os veículos de comunicação se tornavam populares. Autores como Karl Buhler e o russo Roman Jakobson, por exemplo, elaboraram modelos de análise, de forma a mostrar que a linguagem possui funções que vão além da mera transmissão de informações.

2.2.1 A visão do linguista russo Roman Jakobson

Figura 1 – Roman Jakobson

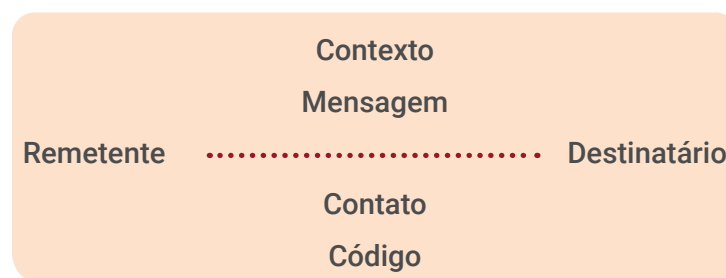


Fonte: <https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=16924084>.

Neste momento, focaremos na proposta de Jakobson, mas deixaremos ao final do capítulo sugestões para os interessados em conhecer as outras abordagens.

Jakobson afirmava que a linguagem não apresenta uma função, mas sim uma variedade delas, e que, para entendê-las, é preciso conhecer quais os elementos que constituem um ato comunicativo. Pensando nisso, ele elaborou o seguinte esquema:

Figura 2 – Elementos que compõem o ato comunicativo, por Jakobson



Fonte: Jakobson (2007, p. 123).

É preciso frisar que apenas a emissão de uma mensagem não garante que haja uma comunicação efetiva. Para que isso ocorra, é preciso que ela seja estabelecida dentro de algumas condições. São elas:

a) Um contexto percebido e apreendido pelo destinatário – Essa questão diz respeito ao fato de que a comunicação não está relacionada apenas com o conteúdo da mensagem. É preciso considerar, por exemplo, o que foi dito antes, o tipo de relação existente entre o remetente e o emissor, a conexão dessa mensagem com outras que extrapolam o momento de emissão. Quando ouvimos uma mensagem, automaticamente somos capazes de situá-la dentro de um contexto. Isso ocorre porque possuímos um percurso já construído através das nossas vivências que permite que esse processo de decodificação ocorra com naturalidade. Em resumo, podemos afirmar que o contexto abrange todo um conjunto de conhecimentos mobilizados a partir das condições de produção da mensagem.

b) O código precisa ser reconhecido – Como foi colocado no capítulo anterior, o código pode ser entendido como um conjunto de sinais ou signos que, por convenção, são capazes de permitir a comunicação entre dois sujeitos. O português, por exemplo, é um código, presente na fala e na escrita. Logo, para que seja efetiva a comunicação entre uma pessoa que o utilize, é preciso que a outra pessoa esteja habilitada a compreender, ou melhor, decodificar esse mesmo código.

c) Um canal que permita a comunicação – Entenda aqui a palavra “canal” como o meio pelo qual a mensagem é transmitida. No caso da fala, considera-se a capacidade do ar de propagar ondas sonoras. Caso essa comunicação seja realizada à distância, temos hoje a possibilidade de utilizar aparelhos celulares, aplicativos de interação face a face e o envio de e-mails.

Como afirma Martelotta (2013), é preciso considerar a comunicação como uma atividade cooperativa. Isso significa que é necessário o estabelecimento de uma conexão psicológica entre os participantes, de forma a evitar prejuízos.

É partindo dessa abordagem mais focada nos elementos constitutivos que Jakobson propõe seis funções da linguagem.

Atenção

É importante compreender e aprofundar os estudos sobre as funções da linguagem, visto que elas fazem parte do currículo oficial do Ensino Básico.

a) Função referencial ou informativa – É a função centrada no contexto. Está diretamente relacionada com a transmissão da informação do remetente ao destinatário. Quase sempre está associada com o compartilhamento de conhecimentos, como acontece nas notícias ou informações publicadas em jornais ou em artigos acadêmicos.

b) Função emotiva – Função centrada no remetente, ou seja, está relacionada com a forma de transparecer algum tipo de emoção ou afetividade. Porém, é preciso deixar claro que o foco aqui é a aproximação entre o emissor e a mensagem que produz e por isso, a predominância da função emotiva nem sempre objetiva “emocionar” o receptor. Portanto, você encontra essa função operando em textos em que o eu lírico ou o próprio emissor ganham destaque, o que não significa que a mensagem provoque necessariamente emoção.

c) Função conativa – Tem como objetivo influenciar ou persuadir o comportamento do destinatário. Está presente nas propagandas, sejam elas vinculadas à promoção de produtos ou de ideias.

d) Função fática – Função centrada no canal comunicativo. Permite que a mensagem seja mantida, prolongada ou finalizada. O “alô”, por exemplo, ao ser dito no telefone, permite não só o início da ligação, como também a manutenção da chamada. É muito comum que os professores também o utilizem na sala de aula

e) Função metalinguística – Basicamente consiste no uso da linguagem para se referir a ela mesma. Sendo assim, está centrada no código. Os verbetes dos dicionários são exemplos clássicos, assim como alguns poemas que apresentam como temática a própria arte de construir um poema.

f) Função poética – Está relacionada com a forma, com a combinação dos elementos linguísticos que resultam em uma mensagem. É importante pontuar

que a função fática não está presente apenas em poemas; ela aparece até mesmo em propagandas em que é possível perceber uma combinação criativa de elementos linguísticos.

Para além das funções da linguagem, Jakobson também caracterizou dois tipos de processos presentes na comunicação verbal. São eles:

a) Seleção – Está vinculada a nossa capacidade de selecionar os elementos linguísticos, as palavras, adequados para a construção da mensagem.

b) Combinação – A possibilidade de combinar essas palavras de forma que elas constituam um enunciado entendível.

A seleção, como aponta o autor, pode resultar de um processo psicológico natural, mas também, diante da intencionalidade, pode ser fruto de um processo prévio mais cuidadoso.

Martelotta (2013, p. 35) utiliza um trecho da canção *Flor da Idade*, de Chico Buarque, para exemplificar essa questão:

“A gente faz hora, faz fila na vila do meio-dia
Pra ver Maria
A gente almoça e só se coça e se roça e só se vicia”

Percebe-se que as rimas e repetições presentes nesses versos deixam claro que essas palavras foram escolhidas de forma meticulosa, com o objetivo de criar um efeito estético. Dessa maneira, podemos afirmar que nesse texto predomina a função poética.

Por fim, vale salientar que, conforme aponta Jakobson, as funções da linguagem não existem isoladamente. Elas quase sempre aparecem combinadas na mesma mensagem, de forma que cabe ao analista detectar como elas estão hierarquizadas.

2.2.2 A visão do linguista britânico Michael Halliday

Figura 3 – Michael Halliday



Fonte: <https://www.flickr.com/photos/25948032@N02/2437541259/>

A perspectiva funcional do linguista Michael Halliday, ao contrário de Jakobson, tem como ponto de partida três elementos: o uso (em relação ao sistema), o significado (em relação à forma) e o social (em relação ao indivíduo). Sua proposta foi bastante divulgada nas décadas de 1960 e 1970 e recebe o nome de sistêmico-funcional porque enxerga a língua a partir de uma rede de sistemas, o que ele chama de *base funcional*, e capaz de produzir significados, o que chama de *base semântica*.

Ao definir a abordagem sistêmico-funcional, Eggins (1994) diz que, nela, a função da linguagem é produzir significados, e estes sofrem interferência do contexto social e cultural em que são negociados. Assim, além de ser vista como funcional, a linguagem é também um sistema de codificação organizado a partir de um conjunto de escolhas.

Halliday (1985) pontua que tudo que aquilo que escrevemos ou dizemos aparece sempre em algum contexto de uso e que esses usos formam o sistema, que está constantemente em processo de desenvolvimento. Ou seja, para ele, a linguagem foi desenvolvida para satisfazer determinadas necessidades humanas e por isso ela está organizada não de forma arbitrária, mas em respeito a essas necessidades.

2.3 Aplicar ao ensino

Por último, é necessário reforçar que as funções da linguagem não só estão no currículo de ensino de língua portuguesa, como são cobradas em diversos exames realizados pelo país. Diante disso, faz-se necessário que o estudante de letras consiga compreender as suas manifestações para além do que está colocado conceitualmente. Atualmente, diante da diversidade de plataformas e gêneros capazes de propagar mensagens, é essencial que a atividade docente consiga estimular a reflexão sobre o uso da linguagem, sobretudo no que diz respeito ao convencimento e manipulação dos sujeitos. Por isso, a prática de leitura se torna tão importante, visto que serão utilizados na sala de aula, quase sempre, textos em que essas funções aparecem de forma hierarquizada, cabendo aos professores alunos identificá-las e situá-las.

Por fim, vale reafirmar que a realidade construída a partir da linguagem depende da organização compreensível de enunciados, ou seja, de uma estrutura cognitiva capaz de ser ativada não só por nós, mas também por instituições. A língua, neste caso, permite que a experiência humana ganhe significado, de forma a garantir que os sujeitos possam, através dos processos interacionais, elaborar de forma intersubjetiva uma cultura da qual possam fazer parte.

Revisando

No capítulo 2, ampliamos a discussão sobre os conceitos de linguagem e língua, de forma a apresentar alguns tipos e ramificações presentes na teoria linguística. Foi dado destaque ao que se considera linguagem verbal e não verbal, fazendo uso daquilo que se convencionou chamar signo linguístico. Apresentamos a definição de Saussure (2006) e a percepção de Bakhtin (2009), que enxergava o signo como um produto ideológico (ou seja, seu valor depende essencialmente das condições sócio-históricas). Em seguida, apresentamos, a partir das ideias de Charles Hockett (1958), um resumo sobre o que caracteriza, de fato, a linguagem verbal. Resumimos as treze propriedades da linguagem elencadas pelo autor.

Na segunda seção do capítulo, a partir da proposta de Roman Jakobson

(2007), falamos sobre as funções da linguagem e sobre a visão limitada que a encara apenas como transmissão de informações. Adicionamos um resumo com as seis funções da linguagem propostas pelo autor (referencial, emotiva, conativa, poética, metalinguística e fática). Por último, com o objetivo de fazer um contraponto, inserimos um breve resumo sobre a abordagem sistêmico-funcional defendida por Michael Halliday (1985) e um alerta relacionado com a importância desses temas para a formação do professor.

Saiba mais

Capítulo de livro **O que é linguística?**, de Aniela Improta França, Lilian Ferrari e Marcus Maia.

O capítulo 1 do livro “A linguística no século XXI: convergências e divergências no estudo da linguagem”, publicado em 2016, discute com detalhes as propriedades das línguas humanas.

Livro **Linguística e Comunicação**, de Roman Jakobson.

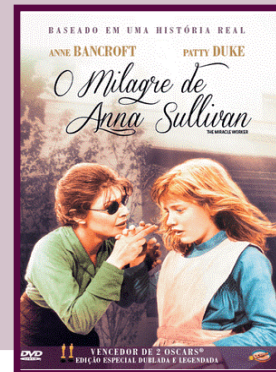
A leitura do livro “Linguística e Comunicação”, de Roman Jakobson, publicado no Brasil, é de extrema importância para aprofundamento.

Artigo **A teoria da comunicação de Jakobson: suas marcas no ensino de Língua Portuguesa**, de Paula Gaida Winch e Silvana Schwab do Nascimento.

O artigo “A teoria da comunicação de Jakobson: suas marcas no ensino de Língua Portuguesa”, escrito por Paula Gaida Winch e Silvana Schwab do Nascimento, ambas da UFSM, publicado na revista Estudos da Linguagem, aprofunda os estudos sobre a influência de Jakobson no ensino

Filme **O Milagre de Anna Sullivan (1962)**. Direção: Arthur Penn.

O artigo “A teoria da comunicação de Jakobson: suas marcas no ensino de Língua Portuguesa”, escrito por Paula Gaida Winch e Silvana Schwab do Nascimento, ambas da UFSM, publicado na revista Estudos da Linguagem, aprofunda os estudos sobre a influência de Jakobson no ensino



Referências

A CHEGADA. Direção: Denis Villeneuve. EUA: Lava Bear Films: FilmNation Entertainment: 21 Laps Entertainment: Xenolinguistics, 2016.

CARBONI, Florence. **Introdução à linguística**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

CHOMSKY, Noam. **Aspectos da teoria da sintaxe**. Coimbra: Armênia Amado, 1975.

FRANCHI, Carlos. Linguagem – Atividade constitutiva. **Almanaque**: cadernos de literatura e ensaio, São Paulo, n. 5, p. 9-26, 1977.

CUNHA, Angélica Furtado da; COSTA, Marcos Antonio; MARTELOTTA, Mário Eduardo. Linguística. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2013.

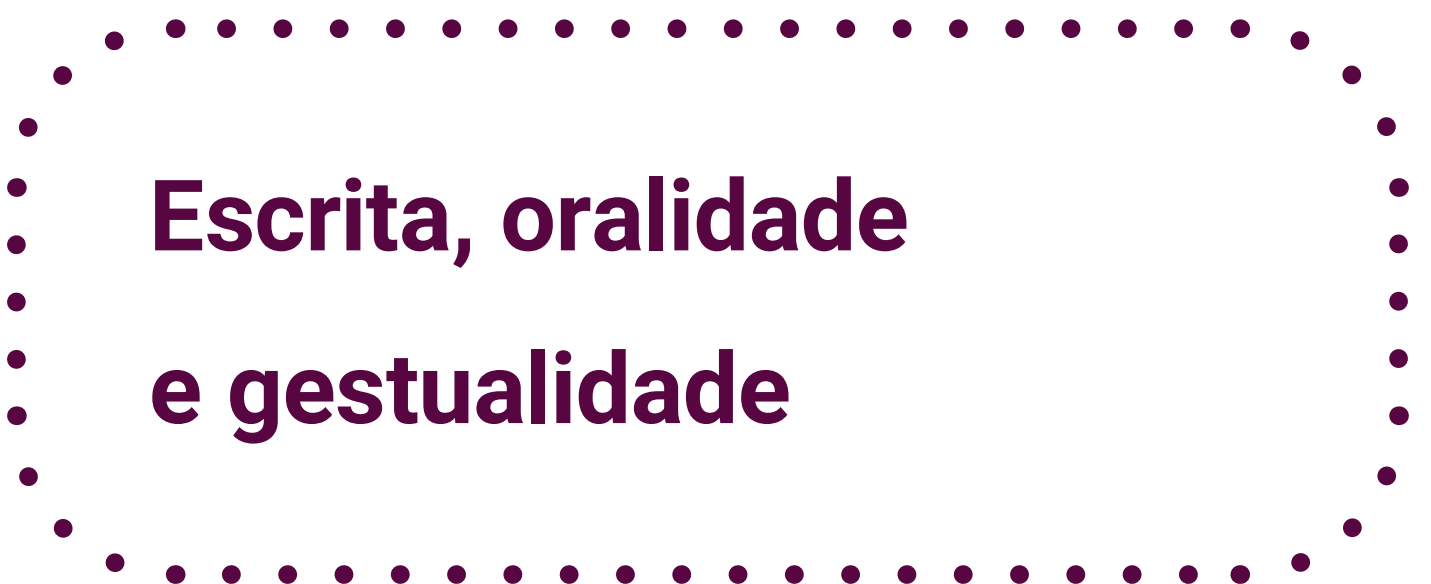
MILANI, Sebastião Elias. **Humboldt, Whitney e Saussure: romantismo e cientificismo-Simbolismo na história da Linguística**. 2000. 168 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/156/o/2000_sebasti__o_2011.pdf. Acesso em: 29 out. 2020.

NOAM Chomsky – **O conceito de linguagem**. 18 set. 2016. Publicado no canal Think About It Now! Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=W53UvJoLAWl>. Acesso em: 27 nov. 2020.

PINHEIRO, Tatiana. Mikhail Bakhtin, o filósofo do diálogo. **Revista Nova Escola**, n. 224, 1 ago. 2009. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/1621/>

mikhail-bakhtin-o-filosofo-do-dialogo. Acesso em: 13 nov. 2020.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.

A large, rounded rectangular border made of small dots, enclosing the title text.

Escrita, oralidade e gestualidade

Introdução à Linguística

A horizontal dotted line.

Prof. Raphael Alves da Silva

Objetivos de aprendizagem

- 1** Realizar um passeio panorâmico sobre os conceitos de escrita, oralidade e gestualidade.
- 2** Apresentar perspectivas teóricas, aproximações e especificidades em torno desses processos.

Introdução

Caro estudante, nesse terceiro capítulo, iremos tratar pontualmente das questões em torno da oralidade, da escrita e da gestualidade, de forma a reforçar as interseções entre esses conceitos e a prática de ensino. Pautados na ideia, já apontada nos capítulos anteriores, de que a língua é vista como um conjunto de signos utilizado por membros de uma mesma comunidade, vale a pena pensarmos, com maior ênfase, na sua concretização em modalidades capazes de transmitir informações de forma efetiva.

É importante lembrar que iremos não só trazer à tona algumas teorias que propõem limites entre essas três modalidades de uso, mas também analisar as relações de interdependência entre elas. Diante disso, vale salientar, mais uma vez, que as discussões aqui propostas exigem um estudo posterior mais aprofundado, garantindo assim que os conceitos atuem não apenas como marcos teóricos, mas também como referências importantes para a atuação em sala de aula.

3.1 Noções preliminares

Atenção

Ao ler esse material, procure fazer anotações, estabeleça conexões e anote dúvidas. Elas poderão ser tiradas pelo(a)(s) seu(ua)(s) professor(a)(s) ou tutor(a)(es)(as). Não se esqueça também de questionar, criticar e sugerir

Em primeiro plano, é importante pontuarmos que descartaremos aqui, como defendia Marcuschi (2001), a dicotomia comumente estabelecida entre oralidade, escrita e gestualidade, passando a considerá-las, muito mais, como um contínuo de práticas sociais. As fronteiras e os limites naturalmente percebidos serão analisados e demarcados a partir da análise dos meios de propagação, ou seja, o som para a oralidade, a grafia para a escrita e o visual para a gestualidade. Por outro lado, levaremos em consideração o fato de que tais formas de representação apresentam, também, características comuns, presentes no modo como são elaboradas, visto que formalidade/informalidade, coesão/coerência estão presentes em todas elas, ainda que suas manifestações se deem em contextos diferentes e revelem mecanismos distintos. Ainda assim, para facilitar o entendimento, iremos, quando necessário, percebê-las separadamente, costurando diálogos sempre que possível.

Os teóricos costumam apontar a fala como o primeiro plano de expressão do uso da língua. Cada sujeito, imerso em um determinado grupo social, irá se apropriar de forma personalizada do seu código, dando preferência ou excluindo determinadas construções. A escrita, por sua vez, pelo fato de exercer um papel predominante no entendimento das sociedades passadas, se tornou um importante objeto de estudo. Só no século XX, os pesquisadores, a partir de observações empíricas, passaram a conceber a existência de variações presentes na escrita impulsionadas pela oralidade, abrindo espaço para uma série de novas ramificações analíticas.

A linguística moderna consegue assim equilibrar melhor a balança, diminuindo o domínio da escrita sobre outras formas de perceber o uso da língua. Entre os autores que se propuseram a justificar essa mudança, podemos citar John Lyons, linguista britânico que dedicou sua vida ao estudo dos significados. Ele defendia que a língua falada também exerce propriedade histórica, estrutural, funcional e biológica sobre a escrita (LYONS, 1987, p. 25). O quadro abaixo sintetiza as suas justificativas:

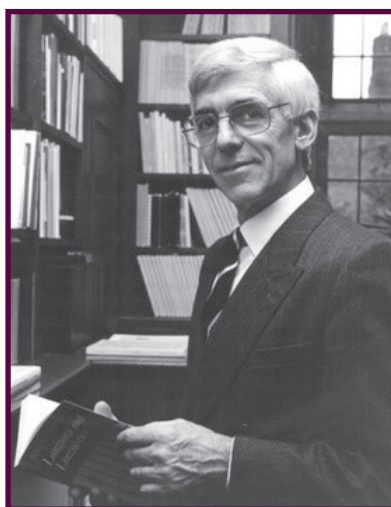
Quadro 1 – A importância da língua falada, propriedades baseadas nas ideias de John

Lyons

Propriedade histórica	A justificativa se dá pelo fato de que não se tem notícia de culturas privadas da fala; por outro lado, encontramos inúmeros povos que não possuem uma escrita. Isso não significa, evidentemente, que esses sujeitos devam ser vistos como linguisticamente incapazes ou não civilizados.
Propriedade estrutural	Em boa parte das civilizações, a produção de enunciados se dá através de sons capazes de se combinar com as unidades gráficas que representam as palavras. Mas isso não acontece, por exemplo, com os ideogramas presentes nas línguas orientais, como o japonês.
Propriedade funcional	Independentemente do nível de formalidade das situações e do uso excessivo de tecnologias visto hoje, a modalidade da fala ainda se faz presente em boa parte das situações de uso. Percebe-se que, em alguns contextos, a própria escrita atua como um acessório complementar ao que não pode ser consolidado pela fala.
Propriedade biológica	Muitas correntes teóricas apontam para o fato de que a fala é aprendida a partir de um complexo processo de imersão, sendo assim adquirida de forma mais natural. A escrita, por sua vez, exige a elaboração de um sistema de aprendizagem próprio..

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de Lyons (1987).

Figura 1 – John Lyons (1932–2020)



Fonte: [https://en.wikipedia.org/wiki/File:Sir_John_Lyons_\(1932%E2%80%932020\).jpg](https://en.wikipedia.org/wiki/File:Sir_John_Lyons_(1932%E2%80%932020).jpg)

No que tange à gestualidade, o reconhecimento das línguas sinalizadas como línguas naturais resulta de um longo processo em que teorias, modelos linguísticos e cognitivos foram colocados à prova. Os gestos, quase nunca são tomados como uma capacidade inata complementar e necessária à linguagem verbal. Ao compararmos as modalidades linguísticas oral-auditiva e cinésico-visual, chegamos à conclusão de que a linguagem gestual as complementa. Dessa forma, a linguagem verbal e a sinalizada devem ser vistas como capacidades inatas e que, apesar das suas especificidades, se complementam na comunicação estabelecida entre humanos. É necessário evidenciar como esses dois sistemas são dependentes, de forma a permitir que os estudantes da área possam elaborar análises linguísticas e semióticas em que eles se entrecruzem. Em resumo, pode-se dizer que essa noção de complementaridade (não unidirecional) se dá, por exemplo, quando signos gestuais substituem signos verbais, acrescentam novas informações ao código, reforçam a mensagem que está sendo transmitida e contribuem para a efetivação da comunicação estabelecida.

O próprio Lyons (1987), ao buscar uma conceitualização do sistema gestual, afirma:

“Da mesma forma é possível aprender sistemas gestuais de

comunicação que não se baseiam nem numa língua falada, nem numa língua escrita, tais como os sistemas utilizados pelos surdos-mudos. Se descobríssemos uma sociedade que usasse um sistema de comunicação gestual ou escrito, com todas as outras características distintivas de uma linguagem, mas que nunca se realizasse no meio falado, sem dúvida faríamos referência a este sistema de comunicação como sendo uma língua. Portanto, não se deve colocar ênfase excessiva na prioridade biológica da fala. (LYONS, 1987, p. 28).”

Você sabia?

Foi o abade francês Charles-Michel, na metade do século XVIII, o responsável por desenvolver um sistema de sinais com o objetivo de alfabetizar crianças surdas. Esse sistema serviu de base para o método utilizado ainda hoje.

3.2 A relação entre fala e escrita

“antes de existir enciclopédia existia alfabeto
antes de existir alfabeto existia a voz
antes de existir a voz existia o silêncio
o silêncio”
(Arnaldo Antunes, O silêncio)

Como apontado anteriormente, a língua escrita foi, por muito tempo, colocada em um lugar de prestígio. Boa parte dos estudos realizados pelos cientistas da linguagem giravam em torno dela, priorizando-se assim subáreas como a gramática, a filologia e a sintaxe. Essa divisão, no passado, contaminou todo um conjunto de práticas, de forma que a língua escrita passou a ser associada aos mais letrados e a fala aos menos letrados, oriundos, quase sempre, das camadas mais populares. Por muito do tempo, fala e escrita foram encaradas como

duas modalidades de uso da língua, possuindo cada uma delas características próprias. Muitos autores buscaram sistematizar posições teóricas no sentido de demarcar as diferenças entre elas. O quadro abaixo apresenta as oposições mais citadas.

Quadro 2 – Características da fala e da escrita em uma perspectiva dicotômica

Fala	Escrita
Não planejada	Planejada
Pouco elaborada	Elaborada
Fragmentada	Não fragmentada.
Pouca densidade informacional	Densidade informacional
Poucas nominalizações	Abundância
Menor densidade lexical	Maior densidade lexical

Fonte: Elaborado pelo autor.

Quando estabelecido esse tipo de separação, duas coisas não estavam sendo levadas em consideração. A primeira delas diz respeito ao fato de que nem todas essas características são exclusivas da fala ou da escrita. Segundo, tais características foram estabelecidas tendo a escrita como parâmetro, o que gerou toda uma cadeia de preconceitos relacionada à fala. Marcuschi (2001), por exemplo, ao discutir a relação entre fala e escrita, afirma que as diferenças entre elas “se dão dentro do continuum tipológico das práticas sociais e não na relação dicotômica de dois polos opostos” (MARCUSCHI, 2001, p. 13). Outros autores, como Koch (1992) e Massini-Cagliari (1977), também propuseram uma análise menos contaminada por essa visão dicotômica. Os apontamentos sobre a fala que seguem nessa direção estão sintetizados abaixo:

- a)** A fala é relativamente não planejável devido a sua natureza altamente interacional;
- b)** O texto falado, por emergir das interações simultâneas, atua como uma espécie de rascunho. O escrito, por sua vez, permite que seja traçado um plano prévio;

- c) O fluxo discursivo da fala apresenta descontinuidades, visto que depende de fatores de ordem cognitivo-interacional;
- d) A fala apresenta uma sintaxe característica, sem, contudo, deixar de ter como pano de fundo a sintaxe geral da língua.
- e) A fala é mais dinâmica que a escrita.

Sendo assim, é possível concluir que o texto falado não é caótico, desestruturado ou rudimentar. Ao contrário, ele tem uma estruturação que lhe é própria, ditada pelas circunstâncias sociocognitivas de sua produção, e por isso merece ser tratado como um importante objeto de estudo. Fala e escrita devem ser entendidas como modalidades funcionais capazes de se adequar às variadas situações comunicativas de uso. A relação que se estabelece entre elas é de complementaridade e não de total exclusão.

As interferências da fala na escrita são inegáveis, especialmente na fase de aquisição. Traços do código oral são facilmente identificados nos primeiros textos produzidos por crianças. Isso se dá, de acordo com autores como Halliday (1987), por meio de um complexo processo que envolve questões relacionadas à referenciação dos objetos, à repetição, à segmentação gráfica, ao uso de organizadores textuais típicos da fala, como “aí”, “daí”... À medida que o tempo passa, o domínio de outros modos de comunicação e interação vai sendo adquirido, seja no contato entre falantes, seja nos ambientes formais de escolarização.

Assista

Indicamos aqui o clipe da música “Silêncio”, lançado em 1996 pelo cantor Arnaldo Antunes e dirigido por Tadeu Jungle: https://www.youtube.com/watch?v=t2FA0BDS_4Y¹

10 SILÊNCIO – Arnaldo Antunes. 8 abr. 2010. Publicado pelo canal Arnaldo Antunes. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=t2FA0BDS_4Y. Acesso em: 05 dez. 2020.

3.3 O letramento

Professores em formação devem estar familiarizados com o conceito de letramento. A vida em sociedades modernas exige que a modalidade escrita seja adquirida através do processo de alfabetização, visto que ela está presente em diversas práticas e processos comunicativo-interacionais da vida cotidiana. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (2000), por exemplo, reforçam a necessidade de se adotar um amplo processo de aprendizagem da Língua Portuguesa com foco na escrita, garantindo para os sujeitos “uma maior participação social pelo estabelecimento de relações interpessoais pela significação do mundo e da realidade” (TRAVAGLIA, 2013, p. 24).

Por fazer referência a aspectos muitas vezes percebidos durante a infância, muitas pessoas costumam entender o letramento como sinônimo de alfabetização. Na perspectiva de Soares (2008), a alfabetização deve ser vista como o domínio do sistema alfabético e ortográfico, a aquisição do sistema convencional da escrita. O letramento, por sua vez, é definido pela mesma autora como “o estado ou condição em que vivem e interagem indivíduos ou grupos sociais letrados, pode-se supor que as tecnologias de escrita, instrumentos das práticas sociais de leitura e de escrita, desempenham um papel de organização e reorganização desse estado ou condição” (SOARES, 2002, p. 148).

Sobre essa distinção, Travaglia (2013, p. 13) afirma:

“Para nós, embora o processo de alfabetização, tal como definido aqui, seja finito, parece que o processo de letramento nunca termina, já que envolve desenvolver a competência de uso dos mais diferentes recursos da língua e sua contribuição para a significação dos textos, bem como desenvolver a competência de uso dos mais diferentes gêneros de texto em situações específicas de interação comunicativa, o que representa as práticas sociais de uso da linguagem.”

Assim, podemos chegar à conclusão de que o letramento permite que os sujeitos ultrapassem os limites da decodificação. A cada contato estabelecido com uma nova ferramenta ou linguagem, um novo tipo de letramento passa a

se colocar como necessário. Ele permite que a contextualização seja percebida, assim como os elementos multidimensionais que estão presentes nos diferentes modos de comunicação social. Não se deve, portanto, no que tange ao letramento, colocar fala e escrita em uma balança. Mesmo que as práticas sociais permitidas pela nossa cultura estejam fortemente atreladas à escrita, existem outras vinculadas diretamente à fala.

Para Marcuschi (2001), a oralidade é tomada como uma prática social interativa que possui seus próprios fins comunicativos e se apresenta de diferentes formas, muitas vezes organizadas em gêneros textuais fundados na capacidade que possuímos de emitir som. As práticas de oralidade raramente estão dissociadas das práticas de letramento visto que a língua pode se realizar tanto na fala, quanto na escrita, em contextos similares ou distintos, e todos esses processos exigem práticas de letramento. Um bilhete, por exemplo, apesar de escrito, possui características muito próximas da oralidade.

Assim, podemos concluir que, entre o polo da oralidade e o polo do letramento, encontramos a possibilidade de produção de textos que se vinculam ora no polo da escrita, ora no polo da fala. Hoje, diante do surgimento de tecnologias de mídia, é possível identificar até mesmo fortes interseções entre essas duas modalidades.

Isso significa que as práticas de letramento devem ser encaradas em sua complexidade. Cabe aos professores adotar práticas contextualizadas, que habilitem seus estudantes a relacionar partes, a identificar as múltiplas dimensões da produção discursiva e a mobilizar o conhecimento linguístico em prol de atuações sociais mais produtivas.

Morin (2001) reforça a necessidade de se colocar à disposição um conhecimento pertinente, de forma a evitar práticas ancoradas em “saberes desunidos, divididos, compartimentados”, visto que do outro lado, as realidades e os problemas se mostram, cada vez mais, “multidisciplinares, transversais, multidimensionais, transnacionais, globais e planetários” (MORIN, 2011, p. 33).

3.4 A linguagem gestual e as línguas de sinais

Os sinais não verbais são importantes para os processos comunicativos, sobretudo porque, quando acompanhados de gestos, os enunciados estabelecidos podem assumir uma dimensão bastante diferente da sua forma original. A fala pode expressar algo que só ganhará o sentido pretendido se estiver acompanhada de um gesto. A ironia, os sentimentos, por exemplo, muitas vezes são percebidos através de expressões faciais ou gesticulações corporais. Criado por Edward T. Hall (1981), um antropólogo e pesquisador cultural norte-americano, o termo *proxêmica* geralmente é utilizado para reforçar a importância da linguagem gestual. O autor afirma que esse termo faz referência às observações e teorias inter-relacionadas sobre o uso que o homem faz do espaço como elaboração especializada da cultura. Na tentativa de sistematizar outros campos da comunicação não verbal, Knapp (1972) propôs denominações que muito interessam aos estudos dos gestos, como:

- a) cinésica (movimento do corpo);
- b) tacésica (linguagem do toque).

Isso significa que, muitas vezes, a proximidade que mantemos com determinado interlocutor pode indicar interesse, maior intimidade ou simpatia, enquanto o contrário pode indicar, por exemplo, formalidade.

Assista

Indicamos esse pequeno vídeo, baseado na obra de Edward Hall, que trata especificamente da proxêmica: <https://www.youtube.com/watch?v=2XNaPKrYkjQ2>

A Língua Brasileira de Sinais (Libras) é o sistema linguístico responsável pela

2 PROXÊMIA – Distância entre indivíduos. 30 set. 2010. Publicado pelo canal mineeeiro. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2XNaPKrYkjQ2>. Acesso em: 05 dez. 2020.

comunicação e representação dos fenômenos relacionados com a comunidade de surdos do país. Sua natureza envolve, a partir de uma gramática própria, o uso do sistema visual-motor. Os sinais de Libras são formados a partir da combinação de movimentos realizados pela mão, associados a uma determinada parte do corpo ou do espaço em torno. Ela foi desenvolvida a partir de um método já consolidado na França. Como acontece com as linguagens verbais, cada país possui sua língua de sinais.

A Libras possui estrutura e significados que estão diretamente relacionados com as necessidades comunicacionais dos habitantes do país. É importante lembrar que não devemos tomar a Libras como uma linguagem, visto que ela possui características próprias de língua (como arbitrariedade dos símbolos, propriedades criativas e recursivas, possibilidade de renovação e evolução e também pode ser aprendida por meio da aquisição cultural ou natural). Outro aspecto importante é o fato de que as línguas de sinais, assim como outras línguas, variam a depender do contexto ou da localização geográfica.

Você sabia?

A Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, no seu artigo 4º, dispõe que o ensino da Língua Brasileira de Sinais deve ser incluído nos cursos de formação de Educação Especial, de Fonoaudiologia e de Magistério, em seus níveis médio e superior.

Revisando

Inicialmente, apresentamos algumas noções preliminares relacionadas com os conceitos de fala, escrita e gesto. Colocamos em perspectiva algumas definições teóricas, no sentido de estabelecer importantes limites de observação. Em seguida, colocamos à disposição uma breve discussão com foco na importância da língua falada, visto que esta, por muito tempo, não foi valorizada como objeto de estudo linguístico. No sentido de evitar a reprodução de dicotomias superficiais, foi inserida também uma breve reflexão sobre a relação

entre a fala e a escrita, com o objetivo de caracterizá-las. A penúltima seção, por sua vez, colocou em destaque o conceito de letramento, essencial para os estudantes de licenciatura cuja atuação profissional está diretamente relacionada com o ambiente da sala de aula. Por fim, propomos uma discussão sobre a gestualidade, provocando o leitor a refletir sobre o lugar da Libras enquanto sistema capaz de promover comunicação.

Saiba mais

Artigo **Oralidade: a fala que se ensina**, de Rodrigo Ratier

A revista Nova Escola publicou um pequeno texto sobre os desafios do trabalho com a oralidade nas escolas. Disponível em <https://novaescola.org.br/conteudo/315/oralidade-a-fala-que-se-ensina>

Vídeo **Fale e escrita**, com Luiz Antônio Marcuschi.

Você pode assistir a um especial sobre fala e escrita, dividido em três partes, em que o professor Luiz Antônio Marcuschi discute algumas questões importantes sobre o tema.

- FALA e escrita – Parte 01. 06 abr. 2011. Publicado pelo canal ceelu-fpe. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XOzoVHyiDew>. Acesso em: 05 dez. 2020.
- FALA e escrita – Parte 02. 06 abr. 2011. Publicado pelo canal ceelu-fpe. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6y9xK-9bbcw&t>. Acesso em: 05 dez. 2020.
- FALA e escrita – Parte 03. 06 abr. 2011. Publicado pelo canal ceelu-fpe. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UqSfGyR1ERA>. Acesso em: 05 dez. 2020.

Filme **Filhos do Silêncio (1986)**, dirigido por Randa Haines.

Lançado em 1986, o filme “Filhos do Silêncio”, dirigido por Randa Haines, conta a história de um professor de língua de sinais e seu envolvimento com uma aluna.

Livro **Da Fala para a Escrita: atividades de retextualização**, de Marcuschi.

Indicamos fortemente a leitura do clássico “Da Fala para a Escrita”, de Marcuschi, publicado em 2001 pela editora Cortez.

Artigo **A oralidade na escola: um (longo) percurso a ser trilhado**, de Gil Negreiros e Gislaine Vilas Boas.

Sugerimos a leitura do artigo “A oralidade na escola: um (longo) percurso a ser trilhado”, escrito pelas pesquisadoras Gil Negreiros e Gislaine Vilas Boas.

Documentário **Som e Fúria (200)**, dirigido por Josh Aronson.

Lançado em 2000, o documentário “Som e Fúria” conta a história de duas famílias norte-americanas com crianças surdas jovens e seu conflito sobre dar, ou não, aos seus filhos, implantes cocleares.

Documentário **Som e Fúria (2000)**, dirigido por Josh Aronson.

Lançado em 2000, o documentário “Som e Fúria” conta a história de duas famílias norte-americanas com crianças surdas jovens e seu conflito sobre dar, ou não, aos seus filhos, implantes cocleares.

Filme **A Linguagem do Coração (2014)**, dirigido por Jean-Pierre Améris.

- Lançado em 2014, o belíssimo filme intitulado “A Linguagem do Coração” mostra os esforços de uma ordem de freiras católicas que cuida de um instituto para crianças surdas.

Referências

- A LINGUAGEM do coração. Direção de Jean-Pierre Améris. França: Escazal Films, 2014.
- FALA e escrita – Parte 01. 06 abr. 2011. Publicado pelo canal ceelufpe. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XOzoVHyiDew>. Acesso em: 05 dez. 2020.
- FALA e escrita – Parte 02. 06 abr. 2011. Publicado pelo canal ceelufpe. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6y9xK-9bbcw&t>. Acesso em: 05 dez. 2020.
- FALA e escrita – Parte 03. 06 abr. 2011. Publicado pelo canal ceelufpe. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UqSfGyR1ERA>. Acesso em: 05 dez. 2020.
- HALL, Edward. **A dimensão oculta**. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1981.
- HALLIDAY, M. A. K. Spoken and written modes of meaning. In: HOROWITZ, Rosalind; SAMUELS, S. Jay (edits.). **Comprehending oral and written language**. San Diego: Academic Press, 1987.
- FILHOS do silêncio. Direção de: Randa Haines. EUA: Paramount Pictures, 1986.
- KOCH, Ingedore Villaça. **A inter-ação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 1992.
- LYONS, John. **Linguagem e linguística**: uma introdução. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2001.
- MASSINI-CAGLIARI, Gladis. **O texto na alfabetização**: coesão e coerência.

Campinas: Edição da Autora, 1977.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. Revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. 2. ed. rev. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2011.

NEGREIROS, Gil; BOAS, Gislaine Vilas. A oralidade na escola: um (longo) percurso a ser trilhado. **Letras**, Santa Maria, v. 27, n. 54, p. 115-126, jan./jun. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/29573>. Acesso em: 05 dez. 2020.

O SILÊNCIO. Intérprete: Arnaldo Antunes. Compositores: Arnaldo Antunes e Carlinhos Brown. In: O SILÊNCIO. Intérprete: Arnaldo Antunes. [S. l.]: BMG, 1996. Disponível em: https://arnaldoantunes.com.br/new/sec_discografia_sel.php?id=57. Acesso em: 05 dez. 2020.

RATIER, Rodrigo. Oralidade: a fala que se ensina. **Revista Nova Escola**, n. 2008, 01 set. 2008. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/315/oralidade-a-fala-que-se-ensina>. Acesso em: 05 dez, 2020.

SOARES, Magda. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 23, n. 81, dez. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/es/v23n81/13935.pdf>. Acesso em: 21 jan. 2021.

SOM e fúria. Direção de: Josh Aronson. EUA: Aronson Film Associates: FilmFour: Public Policy Productions: WNET Channel 13 New York, 2000.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Na trilha da gramática**: conhecimento linguístico na alfabetização e letramento. São Paulo: Cortez, 2013.

A língua enquanto sistema

Introdução à Linguística

Prof. Raphael Alves da Silva

Objetivos de aprendizagem

- 1** Resgatar algumas ideias sobre a história da norma e sua relação com a linguística.
- 2** Discutir a formação do conceito de gramática.
- 3** Apresentar alguns tipos de gramática e suas respectivas características.

Introdução

Caro estudante, neste quarto capítulo iremos perceber como as unidades que compõem a língua estão combinadas entre si e quais são as regras que permitem torná-la reconhecível pelos usuários.

As discussões aqui são importantes porque vão proporcionar um mergulho nas teorias que estabeleceram as leis gerais da língua, ou seja, aquelas que se aplicam aos processos de realização e enunciação adotados por diferentes povos, ainda que o nosso foco seja o português brasileiro. Diante do fato de que todas as línguas descritas atualmente possuem um sistema verbal de funcionamento e adotam, em algum nível, sequências específicas para construir frases inteligíveis, faz-se necessário resgatar eventos que marcam o surgimento das gramáticas e seus desdobramentos.

É importante reforçar, mais uma vez, que as discussões e atividades aqui propostas contribuem para a atuação como docente, sobretudo porque essas características descritivas da língua nos ajudam a identificar as regras de combinação, articulação e produtividade que estão presentes nas interações humanas em diferentes espaços de convívio.

4.1 Noções Introdutórias

Atenção

Ao ler esse material, procure fazer anotações, estabeleça conexões e anote dúvidas. Elas poderão ser tiradas pelo(a)(s) seu(ua)(s) professor(a)(s) ou tutor(a)(es)(as). Não se esqueça também de questionar, criticar e sugerir

Temos uma noção clara de que diferentes línguas, oriundas dos mais diversos constructos geográficos, possuem regras similares ou muito próximas. Algumas terminações, por exemplo, são responsáveis por marcar funções muito similares entre o português e outras línguas. Afinal, por razões históricas, algumas delas entraram em contato, tornando inevitável a tomada de empréstimos. No português, a ordem das palavras na frase nos ajuda a perceber a função sintática dos elementos que a compõem, e não a terminação desses elementos, como acontece em outras línguas.

A cadeia representada na figura 1 é tida como estruturante do português brasileiro, assim como acontece em outras línguas. Como defende Martelotta (2013), algumas dessas unidades podem ser vistas como universais, visto que ajudam no processo de enunciação e são escolhidas a partir de um conjunto de vocábulos armazenados na memória dos falantes.

Figura 1 – Ordem sintática padrão no português brasileiro



Fonte: Elaborado pelo autor.

Sendo assim, cabe à linguística teorizar sobre esses sistemas a partir do

método observacional e analisar uma língua em particular, de forma a perceber quais são as regras estabelecidas que dizem respeito a apenas um grupo socialmente estabelecido e as que criam interseções com outros.

Diante disso, é fundamental para o estudante de linguística procurar entender como se dá esse processo de combinação, quais são os limites de uso impostos pelos códigos e quais são os padrões presentes apenas em comunidades específicas.

Por fim, já em uma das etapas finais do processo, cabe ao pesquisador elaborar uma descrição científica dos fenômenos identificados, objetivando, assim, colocar em evidência uma visão menos etnocêntrica que, no passado, acreditava que apenas as línguas da Europa possuíam um alto teor de complexidade.

4.2 Um pouco de história

Para entendermos como se deu, historicamente, o processo de análise prescritiva das línguas, é preciso lembrar que, por muito tempo, a língua foi analisada a partir de uma ótica que prezava pelo purismo e que a enxergava apenas como representação do pensamento. Esse entendimento acabou fortalecendo muitos campos de análise e está presente ainda hoje nas práticas pedagógicas e livros didáticos. Dessa forma, a tradição passou a encarar a língua como um fenômeno engessado, pouco dinâmico, não levando em consideração o fato de que as línguas, de uma maneira geral, mudam a depender do tempo e do espaço. Buscava-se, assim, defender que ela precisava ser preservada, o que significava evitar a presença de estruturas como as gírias e os regionalismos, naturalmente capazes de implodir esse hipotético sistema homogêneo.

Aqui no Brasil, os estudos de Said Ali, até hoje considerados um marco da tradição gramatical brasileira, são importantes para que possamos entender a evolução da norma enquanto parte de um projeto científico. Em seu mais famoso trabalho, a *Gramática secundária da língua portuguesa*, ele determina que a gramática tem como objetivo “expor doutrinas e regras relativas à nossa língua, atendendo às necessidades e conveniências do ensino secundário” (ALI, 1966, p. 14).

Em seguida, apresenta um trecho em que discute, já naquela época, aquilo

que consideramos como “tipos de gramática”. Ele diz:

“A Gramática de uma língua pode ser histórica ou descritiva. Gramática Histórica é aquela que estuda a evolução dos diversos fatos da língua desde a sua origem até a época presente. Gramática Descritiva é a que expõe os fatos da língua atual. A Gramática descritiva é Prática quando tem principalmente em vista ensinar a falar e a escrever corretamente; é Científica quando procura esclarecer vários fatos à luz da ciência da linguagem e da gramática histórica. (ALI, 1966, p. 15).”

Apesar desses conceitos não serem ampliados, especificamente nesta obra, o autor nos fornece definições que foram fundamentais para, a partir das distinções colocadas, possibilitar a formulação daquilo que no futuro viria a ser conhecido como gramática científica. Muitos autores, como Guimarães (2004), afirmam que Said Ali, tomando como base os apontamentos supracitados, insere na história da gramática no Brasil a diferença entre gramática descritiva prática e gramática descritiva científica, visto que, até aquele momento, os gramáticos brasileiros até conseguiam propor uma definição de gramática científica, mas acabavam por publicar gramáticas mais práticas.

É possível visualizar melhor como a gramática foi conceituada se olharmos, por exemplo, para as definições elaboradas aqui no Brasil ainda no século XIX. Júlio Ribeiro (1881) afirmava que ela era “a exposição metódica dos fatos da língua” (RIBEIRO, 1881, p. 1). Pacheco da Silva Junior e Lameira de Andrade (1907), por sua vez, afirmavam que ela era “o estudo, em toda sua extensão, dos factos e das leis da linguagem escripta e falada [...] o conjunto dos processos comuns a muitas línguas comparadas” (SILVA JUNIOR; ANDRADE, 1907, p. 65). Percebe-se que as definições desses autores estavam fortemente alinhadas às correntes históricas em alta na época. Apesar da tentativa de delimitar aquilo que é característico de cada gramática, eles acabaram por propor, em suas próprias gramáticas, modelos em que facilmente identificamos a presença de regras de formação sintática, discussões sobre plural e gênero, tudo voltado para a ideia de que um padrão de uso merecia ser seguido.

Mesmo substituindo e criando novas definições, esses gramáticos continuaram

apontando para uma tradição. Apesar desse fato, é indiscutível a enorme contribuição que tiveram para o fortalecimento de um campo de pesquisa voltado para a compreensão do uso da língua em seu tempo. Seus antecessores, quase sempre, buscavam resgatar normas do passado, na tentativa de percebê-las como estruturas fundantes e imutáveis. Said Ali, de fato, colocou a gramática dentro de um arcabouço normativo, mas, ao mesmo tempo, sustentou, especialmente nos trabalhos que sucedem sua *Gramática secundária da língua portuguesa*, a ideia de que as normas devem ser entendidas e decididas no uso contemporâneo.

Figura 2 – Said Ali



Fonte: <https://www.academia.org.br/abl/media/memoria9.pdf>

Você sabia?

Manuel Said Ali (1861–1953) foi filólogo, linguista e professor, e o primeiro a tratar cientificamente a mesóclise. Publicou livros como *Vocabulário ortográfico* (1905), *Meios de expressão e alterações semânticas* (1930) e *Acentuação e versificação latinas* (1957), todos de grande importância para os estudos da norma gramatical.

4.3 A “norma” para a linguística

O uso mais popular do termo “norma” faz referência direta a um conjunto

de regras historicamente estabelecido. Segundo a linguística, essas escolhas comumente são realizadas de forma impositiva e se referem às relações sociais de poder, que determinam unilateralmente o que vai ser entendido como “língua correta” e “bom uso”. Quando uma estrutura ganha o status de norma, todas as outras, conseqüentemente, serão vistas como erros ou desvios, o que faz com que a noção de norma seja (e deva ser vista) como arbitrária. Sobre isso, Aléong (2001), um estudioso canadense, defende a existência de duas normas, uma explícita e uma implícita: a primeira é vinculada à tradição e a segunda é reflexo do uso concreto. Nas palavras do autor:

“A norma explícita compreende esse conjunto de formas linguísticas que são objeto de uma tradição de elaboração, de codificação e de prescrição. Ela se constitui segundo processos sócio-históricos. [...]. Codificada e consagrada num aparato de referência, essa norma é socialmente dominante no sentido de impor como o ideal a respeitar nas circunstâncias que pedem um uso refletido e monitorado da língua, isto é, nos usos oficiais, na imprensa escrita e audiovisual, no sistema de ensino e na administração pública. Quanto às normas implícitas, trata-se daquelas formas que, por serem raramente objeto de uma reflexão consciente ou de um esforço de codificação, nem por isso deixam de representar os usos concretos pelos quais o indivíduo se apresenta em sua sociedade imediata. (ALÉONG, 2001, p. 153).”

Objetivando explicitar como se caracteriza a norma explícita, Aléong (2001) identifica alguns componentes. São eles:

Quadro 1 – Componentes, no campo da linguística, da norma explícita

O discurso da norma	A construção discursiva que tem como finalidade classificar os chamados “fatos” linguísticos em categorias como bom ou mau, padrão e não padrão, certo e errado.
O aparelho de referência	A atuação de sujeitos tidos como de autoridade o que diz respeito à linguagem. Eles estão nas academias, nos livros didáticos e dicionários.

Difusão e imposição	Ocorrem em lugares estratégicos, como escola, imprensa e universidade.
----------------------------	--

Fonte: Elaborado pelo autor.

O pensamento de Aléong (2001) está fortemente relacionado com o que é defendido por outros sociolinguistas, ou seja, por autores que enxergam a língua em sua diversidade. Alkmim (2001, p. 40), por exemplo, diz:

“A variedade padrão de uma comunidade – também chamada de norma culta, ou língua culta – não é, como o senso comum faz crer, a língua por excelência, a língua original, posta em circulação, da qual os falantes se apropriam como podem ou são capazes. O que chamamos de variedade padrão é o resultado de uma atitude social ante a língua, que se traduz, de um lado, pela seleção de um dos modos de falar entre os vários existentes na comunidade e, de outro, pelo estabelecimento de um conjunto de normas que definem o modo “correto” de falar.”

4.4 Gramática, tipos e definições

Desde a Antiguidade clássica, os estudos da linguagem propuseram interpretações e análises para explicar o surgimento e o funcionamento das línguas. Como vimos, boa parte desses estudos estavam apoiados em uma metodologia descritiva que, com o passar do tempo foi sendo aperfeiçoada, contestada, abandonada e retomada para fins analíticos. Para autores como Martelotta (2013, p. 44), esse conjunto de estudos pode ser denominado “gramática”, sendo preciso distinguir:

- a) o uso do termo para definir “o funcionamento da própria língua”, ou seja, o “objeto a ser descrito pelo cientista” que, em outras palavras, diz respeito à natureza dos elementos que compõem uma determinada língua; e
- b) o uso do termo para “designar os estudos que buscam descrever a natureza desses elementos e suas restrições de combinações”.

É importante frisar que, levantamos a discussão sobre os tipos de gramática, estamos fazendo referência direta ao segundo uso.

A seguir, apresentaremos definições e características de alguns tipos de gramática. São elas:

4.4.1 A gramática normativa

A gramática normativa é aquela que ainda costuma ser utilizada nas salas de aula e encontra raízes profundas nos livros didáticos. Para o já citado Martelotta (2013), ela é aquela que busca a padronização e estabelece maneiras corretas falar e escrever. Nas suas palavras, é a gramática “que estudamos na escola desde pequenos”, quando, por exemplo, “nossos professores de português nos ensinam a reconhecer os elementos constituintes formadores dos vocábulos (radicais, afixos etc.), a fazer análise sintática, a utilizar a concordância adequada, sempre recomendando correção no uso que fazemos da nossa língua” (MARTELOTTA, 2013, p. 45).

Para Azeredo (2010), por sua vez, a principal característica dessa gramática é estar presente nas práticas tradicionais do ensino escolar, que se transmitem no corpo social. Para o autor, a gramática normativa é, em essência, uma descrição com forte caráter prescritivo, ou seja, ela diz “como usar” a língua de forma correta. O trabalho com a gramática normativa é estruturado em etapas e coloca em evidência análises de pequenos fragmentos, de forma a apontar para uma restrita forma de adequação. Diante disso, podemos dizer que ela reúne um conjunto de conhecimentos para que seja possível elaborar um pensamento analítico sobre as unidades, frases e períodos tidos como ideais. Geralmente, esse projeto é construído com base em regras fonológicas (pronúncia), morfológicas (estrutura), semânticas (interpretação) e sintáticas (significados).

4.4.2 A gramática interna

A gramática interna ou internalizada está relacionada com o conhecimento sobre o sistema composto por unidades e conteúdos presentes na língua, unidades estas que se relacionam obrigatoriamente dentro de finitas possibilidades.

São essas leis internas que vão permitir a atividade do falante.

Esse tipo de gramática geralmente é estudado a partir dos fatos linguísticos percebidos nas crianças, sobretudo no processo de aquisição da linguagem. A propósito, esse processo não é apenas uma internalização da língua, pois se ele ocorresse apenas de fora para dentro, as crianças não seriam capazes de utilizar processos internos para reelaborar ou ressignificar determinadas estruturas. Isso pode ser ilustrado, por exemplo, quando ela reproduz construções como “eu comi”, “eu fazi”, buscando utilizar a regra da primeira conjugação na segunda. Os estudos de Noam Chomsky sobre o gerativismo, mencionados no capítulo 1, estão bastante relacionados com esse tipo de gramática.

Assista

Se desejar aprofundar suas leituras e ideias sobre a língua e sua relação com o gerativismo, assista a essa aula disponibilizada pela Floating University e ministrada pelo psicólogo, professor e linguista canadense Steven Pinker: <https://www.youtube.com/watch?v=4FjHRsqKmeo>¹.

4.4.3 A gramática descritiva e a prescritiva

A gramática descritiva está voltada para a descrição das normas de uso que são percebidas em um grupo e posteriormente sistematizadas a partir dos conhecimentos científicos de um determinado analista. Ela não procura apontar erros ou discutir a noção de desvio, mas apenas fazer um retrato, uma fotografia de um determinado cenário, ou seja, busca identificar e analisar formas constitutivas reconhecidas pelos falantes. Já a gramática prescritiva, por sua vez, elabora um conjunto de regras típicas daquilo que entende como ‘boa’ comunicação e que são elencadas e aceitas por grupos privilegiados de uma comunidade.

Por isso, afirmamos que toda gramática normativa é descritiva, visto que precisa trazer decodificações, e essencialmente prescritiva. Isso explica muito o

¹ LINGÜÍSTICA I | Pinker sobre o gerativismo. 3 out. 2020. Publicado no canal Eduardo Kenedy. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4FjHRsqKmeo>. Acesso em: 19 dez. 2020

fato de que, com a legitimação da escrita, especialmente na escola, foi adotado um modelo de ensino gramatical pautado nas normas da modalidade escrita, causando um distanciamento perceptível entre ela e a fala cotidiana. A gramática normativa/prescritiva reforça a ideia de que os sujeitos precisam estudar sistematicamente suas regras para atuar bem no mundo. Ela também alimenta o mito de que apenas aqueles que dominam as regras impostas pela norma são bons falantes e os não escolarizados são incapazes. Esse fenômeno é conhecido como preconceito linguístico.

4.4.4 A gramática funcional

O termo funcional é comumente utilizado como uma espécie de rótulo, uma palavra que caracteriza a importância de algo dentro de um contexto específico. Ao discutir esse tema, Neves (1997) reforça que o termo foi cunhado na Escola Linguística de Praga para caracterizar a língua como um sistema funcional, de modo que ele possuiria bases estruturais e sistêmicas, mas sua função se daria dentro de um contexto.

Quando se diz que a gramática funcional possui uma competência comunicativa, estamos levando em consideração a capacidade “que os indivíduos têm não apenas de codificar e decodificar expressões, mas também usar e interpretar essas expressões de uma maneira interacionalmente satisfatória” (NEVES, 1997, p. 15). Em resumo, podemos afirmar que a gramática funcional foca na perspectiva da emissão e da recepção, isto é, está relacionada com as intenções dos sujeitos e a capacidade que possuem de entender, decodificar e interpretar.

Revisando

Este capítulo apresentou, brevemente, um passeio histórico sobre a constituição e consolidação da gramática enquanto objeto de estudo linguístico. Apresentamos, também, importantes conceitos de gramática: normativa, descritiva, funcional e interna (gerativa). Diante disso, fica evidente a diversidade de estudos sobre esse tema e sua riqueza enquanto campo de pesquisa. Estão reunidas aqui proposições que devem ser aprofundadas, de forma a promover

a construção de habilidades que todo linguista, especialmente os que atuarão nas salas de aula, deve ter.

Saiba mais

Artigos **Sinopse dos estudos do português no Brasil**", de Eduardo Guimarães (1996) e **Formação de um espaço de produção lingüística: a gramática no Brasil**", de Eni Orlandi e Eduardo Guimarães (1998).

Confira os artigos acima para saber mais sobre a história da gramática e dos estudos do português no Brasil

Artigo **O purismo e o progresso da língua portuguesa**, escrito por Manuel Said Ali.

É importante a leitura do texto *O purismo e o progresso da língua portuguesa*, escrito por Manuel Said Ali. Disponível em: <https://www.academia.org.br/abl/media/memoria9.pdf>

Artigo **Manuel Said Ali Ida**, de Evanildo Bechara.

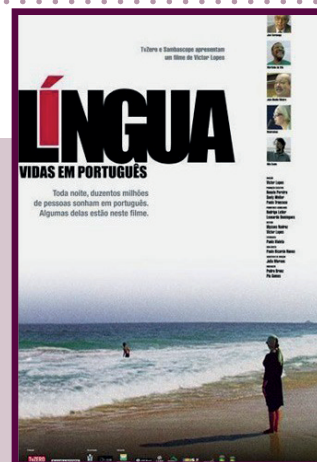
Texto de Evanildo Bechara em homenagem a Said Ali, no terceiro aniversário de sua morte. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/20038>

Artigo **A história da gramática no Brasil: do normativo ao científico**, de Eduardo Guimarães. Disponível em: <https://openaccess.blucher.com.br/article-details/a-historia-da-gramatica-no-brasil-do-normativo-ao-cientifico-20050>.

Ainda sobre a história da gramática, indicamos o trabalho *A história da gramática no Brasil: do normativo ao científico*, de Eduardo Guimarães.

Documentário **Língua: Vida em Português (2004)**, dirigido por Victor Lopes.

Indicamos, por fim, o filme dirigido por Victor Lopes, intitulado “Língua: Vida em Português”, lançado em 2004. O documentário conta a história do português, idioma que embala as vidas de mais de duzentos milhões de pessoas ao redor do mundo



Referências

ALÉONG, Stanley. Normas linguísticas, normas sociais: uma perspectiva antropológica. In: BAGNO, Marcos (org.). **Norma linguística**. São Paulo: Loyola, 2001.

ALI, M. Said. **Gramática secundária da língua portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 1966.

ALKMIM, Tânia. Sociolinguística. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. (org.). **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2001. p. 21-47.

AZEREDO, José Carlos de. **Gramática Houaiss da língua portuguesa**. 3. ed. São Paulo: Publifolha, 2010.

BECHARA, Evanildo. Manuel Said Ali Ida. **Revista Letras**, Curitiba, dez. 1956. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/20038>. Acesso em: 16 dez. 2020.

GUIMARÃES, Eduardo. A história da gramática no Brasil: do normativo ao científico. In: SÁ JÚNIOR, Lucrécio Araújo de; MARTINS, Marco Antonio (org.). **Rumos da**

linguística brasileira no século XXI: historiografia, gramática e ensino. São Paulo: Blucher, 2016. p. 43-56. Disponível em: <https://openaccess.blucher.com.br/article-details/a-historia-da-gramatica-no-brasil-do-normativo-ao-cientifico-20050>. Acesso em: 16 dez. 2020.

GUIMARÃES, Eduardo. **História da semântica:** sujeito, sentido e gramática no Brasil. Campinas: Pontes, 2004.

GUIMARÃES, Eduardo. Sinopse dos estudos do português no Brasil: a gramatização brasileira. In: GUIMARÃES, Eduardo; ORLANDI, Eni Puccinelli (org.). **Língua e cidadania**. Campinas, SP: Pontes, 1996. p. 127-138.

LÍNGUA: Vidas em português. Direção: Victor Lopes. Brasil, Portugal: Costa do Castelo Filmes: Sambascope: TV Zero, 2004.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. Conceitos de gramática. In: _____ (org.). **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2013.

NEVES, Maria Helena de Moura. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fonte, 1997.

ORLANDI, Eni; GUIMARÃES, Eduardo. Formação de um espaço de produção linguística: a gramática no Brasil. In: ORLANDI, Eni (org.) **História das ideias linguísticas:** construção do saber metalingüístico e constituição da língua nacional. Campinas, SP: Pontes, 2001, p. 21-38.

RIBEIRO, Júlio. **Grammatica Portugueza**. São Paulo: Jorge Seckler, 1881.

SAID ALI, Manuel. O purismo e o progresso da língua portuguesa. **Revista Brasileira**, Rio de Janeiro, ano 9, n. 36, p. 231-255, jul./set. 2003. Disponível em: <https://www.academia.org.br/abl/media/memoria9.pdf>. Acesso em: 16 dez. 2020.

SILVA JUNIOR, Pacheco da; ANDRADE, Lameira de. **Grammatica da Lingua Portugueza**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1907.